

SOCIOLOGIA

Rivista di scienze sociali — Publicada pelo Instituto Luigi Sturzo
Redator Responsável: Ignazio Ughi

Assinatura anual: 7 000 libras

Direção, redação e administração:
00186 Roma — Via delle Coppelle, 35 — Itália

REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS

Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros da
Universidade de São Paulo — São Paulo

Diretor: José Aderaldo Castello

Caixa Postal, 11 154 — São Paulo - SP — Brasil

A IDEOLOGIA DOS ROMEIROS NORDESTINOS NA LITERATURA DE CORDEL

Rejane Vasconcelos Accioly Carvalho

1. INTRODUÇÃO

O conceito de ideologia que utilizamos refere-se à forma como são representadas na consciência dos homens, o conjunto das relações sociais concretas que se estabelecem entre eles.

Consideramos ainda que estas relações sociais são determinadas pelas posições que os mesmos assumem no sistema de produção das condições materiais de existência e que definem portanto as dimensões de dominação-subordinação a que estão submetidos.

O fenômeno ideológico se constitui assim uma “visão do mundo” através de uma janela que pode ser mais ou menos estreita, permitindo um acesso maior ou menor às contradições reais da estrutura social. As condições históricas de dominação são os fatores que condicionam a amplitude desta “janela” e portanto as possibilidades de emergência de uma “consciência crítica”.

Por outro lado, toda ideologia é uma tentativa de conceitualizar de forma coerente os problemas reais vividos pelos sujeitos, corresponde à tentativa de responder às tensões geradas na *praxis*, não sendo, portanto, uma “construção arbitrária”.

A adesão coletiva a uma proposta ideológica não ocorre sem uma correspondência aos anseios e frustrações partilhados pelos que se movem no espaço social de dominados.

O objetivo central deste trabalho é exatamente tentar captar a "lógica" de uma "forma de consciência" ainda vigente nas camadas rurais dos pobres do Nordeste e que se caracteriza pela mobilização em torno de um líder, que é percebido ou se anuncia como um Redentor, e cujos poderes e recursos evocados para a "transformação profetizada" são de ordem sobrenatural.

Estes movimentos tiveram sua fase epidêmica no Nordeste no fim do século XIX e início do século XX, época em que se deslocou o núcleo dinâmico da economia brasileira para o Centro-Sul desarticulando as bases do poder local, típicas do coronelismo. A onda de lutas sertanejas envolvendo jagunços, fanáticos e cangaceiros, se constituiria para autores como Rui Facó, etapa de transição para a inauguração de formas de consciência e de organização social capazes de uma ação efetiva dos pobres do campo contra a ordem social opressora. As predições nos parecem inviáveis de se confirmarem nas condições estruturais do Nordeste de hoje.

Interessa-nos, pois, nos colocarmos na perspectiva dos dominados, através do seu próprio discurso, para tentar responder à questão que se nos afigura como crucial: Por que esta forma de consciência aparentemente "irracional"?

Para tanto analisaremos a literatura de cordel que canta os movimentos em torno de Padre Cícero e Frei Damião. A escolha destes dois movimentos decorre do fato de que percebemos semelhanças profundas entre os mesmos: seus seguidores desenvolvem esquemas de ação que tendem a confirmar o próprio sistema de dominação e não há nenhuma proposta de ação direta contra os agentes da opressão.

Esperamos que o caminho escolhido nos permita uma posição estratégica para apreender os elos que conectam esta versão ideológica às condições concretas em que se movem estes agentes e que implicam no estreitamento das possibilidades de outras formas de consciência e de mobilização social.

2. METODOLOGIA

Reconhecemos de início as dificuldades metodológicas de apreensão do fenômeno que nos preocupa, a ideologia das classes dominadas.

Isto porque o fenômeno ideológico é dificilmente redutível a esquemas rígidos de um instrumental de observação e mensuração, exatamente porque se manifesta difusamente em várias dimensões interligadas: a cognitiva, ou seja, como os agentes percebem as situações que lhes afetam; a emocional, que inclui as manifestações de agressividade dirigidas a obstáculos reais ou imaginários à consecução de objetivos vitais para os sujeitos e a dimensão comportamental que se refere aos esquemas de ação desenvolvidos e que poderão ser revolucionários ou reformistas, de revolta ou conformistas, dependendo da forma de consciência que os acione.

Acrescentamos ainda que embora a ideologia aflore à superfície em manifestações empíricas captáveis ao nível do discurso, isto não nos permite uma apreensão direta e imediata. Cabe ao pesquisador recompor os retalhos esparsos de informações para verificar como se ajustam, qual a lógica que lhes é subjacente. O esforço inferencial é, pois, inevitável como inevitáveis são as possibilidades de tirar inferências absolutamente falsas.

Todas estas considerações se prestam para deixar claro que sabemos das limitações inerentes a qualquer estudo sobre ideologias, limitações estas ainda mais acentuadas neste trabalho porque o material de que dispomos provém de fontes de informação indiretas. Não temos discursos dos romeiros mas, apenas, relatos feitos por "intelectuais populares", através da literatura de cordel e que supomos possam expressar facetas significativas da ideologia dos seguidores de Padre Cícero e Frei Damião.

Analisamos dezoito folhetos, sendo nove sobre Padre Cícero e os restantes sobre Frei Damião, cujos títulos são citados em página anexa ao trabalho.

A adesão coletiva a uma proposta ideológica não ocorre sem uma correspondência aos anseios e frustrações partilhados pelos que se movem no espaço social de dominados.

O objetivo central deste trabalho é exatamente tentar captar a "lógica" de uma "forma de consciência" ainda vigente nas camadas rurais dos pobres do Nordeste e que se caracteriza pela mobilização em torno de um líder, que é percebido ou se anuncia como um Redentor, e cujos poderes e recursos evocados para a "transformação profetizada" são de ordem sobrenatural.

Estes movimentos tiveram sua fase epidêmica no Nordeste no fim do século XIX e início do século XX, época em que se deslocou o núcleo dinâmico da economia brasileira para o Centro-Sul desarticulando as bases do poder local, típicas do coronelismo. A onda de lutas sertanejas envolvendo jagunços, fanáticos e cangaceiros, se constituiria para autores como Rui Facó, etapa de transição para a inauguração de formas de consciência e de organização social capazes de uma ação efetiva dos pobres do campo contra a ordem social opressora. As predições nos parecem inviáveis de se confirmarem nas condições estruturais do Nordeste de hoje.

Interessa-nos, pois, nos colocarmos na perspectiva dos dominados, através do seu próprio discurso, para tentar responder à questão que se nos afigura como crucial: Por que esta forma de consciência aparentemente "irracional"?

Para tanto analisaremos a literatura de cordel que canta os movimentos em torno de Padre Cícero e Frei Damião. A escolha destes dois movimentos decorre do fato de que percebemos semelhanças profundas entre os mesmos: seus seguidores desenvolvem esquemas de ação que tendem a confirmar o próprio sistema de dominação e não há nenhuma proposta de ação direta contra os agentes da opressão.

Esperamos que o caminho escolhido nos permita uma posição estratégica para apreender os elos que conectam esta versão ideológica às condições concretas em que se movem estes agentes e que implicam no estreitamento das possibilidades de outras formas de consciência e de mobilização social.

2. METODOLOGIA

Reconhecemos de início as dificuldades metodológicas de apreensão do fenômeno que nos preocupa, a ideologia das classes dominadas.

Isto porque o fenômeno ideológico é dificilmente redutível a esquemas rígidos de um instrumental de observação e mensuração, exatamente porque se manifesta difusamente em várias dimensões interligadas: a cognitiva, ou seja, como os agentes percebem as situações que lhes afetam; a emocional, que inclui as manifestações de agressividade dirigidas a obstáculos reais ou imaginários à consecução de objetivos vitais para os sujeitos e a dimensão comportamental que se refere aos esquemas de ação desenvolvidos e que poderão ser revolucionários ou reformistas, de revolta ou conformistas, dependendo da forma de consciência que os acione.

Acrescentamos ainda que embora a ideologia aflore à superfície em manifestações empíricas captáveis ao nível do discurso, isto não nos permite uma apreensão direta e imediata. Cabe ao pesquisador recompor os retalhos esparsos de informações para verificar como se ajustam, qual a lógica que lhes é subjacente. O esforço inferencial é, pois, inevitável como inevitáveis são as possibilidades de tirar inferências absolutamente falsas.

Todas estas considerações se prestam para deixar claro que sabemos das limitações inerentes a qualquer estudo sobre ideologias, limitações estas ainda mais acentuadas neste trabalho porque o material de que dispomos provém de fontes de informação indiretas. Não temos discursos dos romeiros mas, apenas, relatos feitos por "intelectuais populares", através da literatura de cordel e que supomos possam expressar facetas significativas da ideologia dos seguidores de Padre Cícero e Frei Damião.

Analisamos dezoito folhetos, sendo nove sobre Padre Cícero e os restantes sobre Frei Damião, cujos títulos são citados em página anexa ao trabalho.

As observações feitas resultam de inferências tiradas da leitura de todos os folhetos, embora que para efeito de exposição nos tenhamos fixado mais em alguns deles, extraindo apenas aquelas estrofes que caracterizavam mais fortemente aspectos que nos pareceram importantes.

A própria delimitação das categorias de análise não foi possível antes da leitura de todo o material e baseou-se na regularidade com que certos temas apareciam e eram tratados na narrativa.

Tentamos, então, reduzir todo o discurso a três grandes momentos, que julgamos privilegiados para apreender a lógica da ideologia dos "romeiros":

I — A conexão entre ordem natural e sobrenatural a partir da necessidade de proteção;

II — Como são percebidas as relações "Salvador-Romeiros";

III — Os níveis em que são captadas as oposições entre camadas sociais.

3. PADRE CÍCERO E FREI DAMIÃO NA LITERATURA DE CORDEL

Julgamos interessante destacar a existência de uma nítida semelhança na forma como estão estruturadas as narrativas sobre Padre Cícero e Frei Damião nas trovas sertanejas do Cordel. O exame da regularidade com que os mesmos temas aparecem na literatura sobre os dois movimentos permite-nos, em última análise, reduzi-los a algumas categorias comuns:

a) caracterização do "Salvador" e das condições extraordinárias em que o mesmo é investido da missão (visões e

sonhos em que Anjos ou a Mãe de Deus, anunciam a predestinação);

b) a vida do "Salvador", sua identificação com os valores e modo de vida da sua gente; o sofrimento, a perseguição, a pobreza;

c) os milagres e castigos que são enfatizados como prova do poder de proteger e salvar o seu povo e punir os que lhe façam oposição;

d) as profecias sobre o fim do mundo nas quais a violência toma corpo nas imagens polarizadas de céu x inferno; bons x maus; os que se salvam x os que se perdem; privação x fartura; o mundo que termina x o mundo que ressurge.

Tomando por pontos de referência estes elementos constantes nas narrativas, tentamos inferir sobre o sistema ideológico que lhes é subjacente. Isto significa para nós detectar no próprio discurso como a ordem social é representada na mente dos sertanejos, como percebem as relações de assimetria de poder, de prestígio, que se estabelecem entre os homens e principalmente os recursos manipulados para reduzir as tensões próprias à situação de dominado.

I — A CONEXÃO ENTRE ORDEM NATURAL E ORDEM SOBRENATURAL A PARTIR DA NECESSIDADE DE PROTEÇÃO

Se a ordem natural se reduz para os sertanejos nortestinos em pobres e ricos, os que têm poder e os que não têm, os que trabalham e os que não trabalham, os bons e os maus, a ordem sobrenatural é uma projeção destas mesmas relações polarizadas e antagônicas: Deus-Diabo, Céu-Inferno, Salvação-Perdição.

As observações feitas resultam de inferências tiradas da leitura de todos os folhetos, embora que para efeito de exposição nos tenhamos fixado mais em alguns deles, extraindo apenas aquelas estrofes que caracterizavam mais fortemente aspectos que nos pareceram importantes.

A própria delimitação das categorias de análise não foi possível antes da leitura de todo o material e baseou-se na regularidade com que certos temas apareciam e eram tratados na narrativa.

Tentamos, então, reduzir todo o discurso a três grandes momentos, que julgamos privilegiados para apreender a lógica da ideologia dos "romeiros":

I — A conexão entre ordem natural e sobrenatural a partir da necessidade de proteção;

II — Como são percebidas as relações "Salvador-Romeiros";

III — Os níveis em que são captadas as oposições entre camadas sociais.

3. PADRE CÍCERO E FREI DAMIÃO NA LITERATURA DE CORDEL

Julgamos interessante destacar a existência de uma nítida semelhança na forma como estão estruturadas as narrativas sobre Padre Cícero e Frei Damião nas trovas sertanejas do Cordel. O exame da regularidade com que os mesmos temas aparecem na literatura sobre os dois movimentos permite-nos, em última análise, reduzi-los a algumas categorias comuns:

a) caracterização do "Salvador" e das condições extraordinárias em que o mesmo é investido da missão (visões e

sonhos em que Anjos ou a Mãe de Deus, anunciam a predeterminação);

b) a vida do "Salvador", sua identificação com os valores e modo de vida da sua gente; o sofrimento, a perseguição, a pobreza;

c) os milagres e castigos que são enfatizados como prova do poder de proteger e salvar o seu povo e punir os que lhe façam oposição;

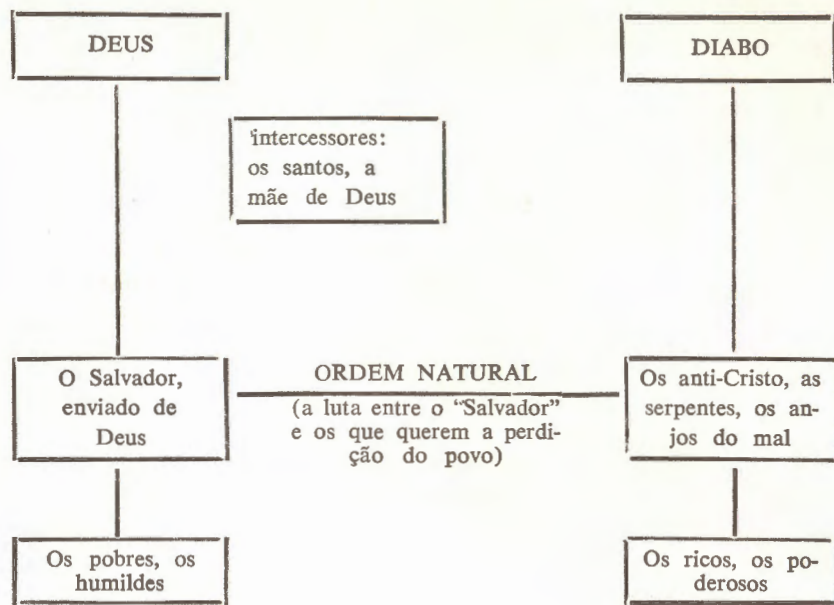
d) as profecias sobre o fim do mundo nas quais a violência toma corpo nas imagens polarizadas de céu x inferno; bons x maus; os que se salvam x os que se perdem; privação x fartura; o mundo que termina x o mundo que ressurge.

Tomando por pontos de referência estes elementos constantes nas narrativas, tentamos inferir sobre o sistema ideológico que lhes é subjacente. Isto significa para nós detectar no próprio discurso como a ordem social é representada na mente dos sertanejos, como percebem as relações de assimetria de poder, de prestígio, que se estabelecem entre os homens e principalmente os recursos manipulados para reduzir as tensões próprias à situação de dominado.

I — A CONEXÃO ENTRE ORDEM NATURAL E ORDEM SOBRENATURAL A PARTIR DA NECESSIDADE DE PROTEÇÃO

Se a ordem natural se reduz para os sertanejos nortestinos em pobres e ricos, os que têm poder e os que não têm, os que trabalham e os que não trabalham, os bons e os maus, a ordem sobrenatural é uma projeção destas mesmas relações polarizadas e antagônicas: Deus-Diabo, Céu-Inferno, Salvação-Perdição.

ORDEM SOBRENATURAL



É possível perceber ao longo das narrativas que a conexão entre o sobrenatural e a ordem natural é determinada pela percepção, ainda que pré-consciente, de que a destituição de todas as formas de poder implica também na destituição das possibilidades de uma oposição direta contra as camadas sociais de onde provém a opressão. A oposição e as "formas de luta" são deslocadas para o nível sobrenatural. A conexão se dá então por necessidades bem concretas de "proteção" que é procurada em uma força que lhes é exterior, e representada como mais poderosa e a única que poderia garantir-lhes não só a própria "salvação" mas a destruição dos que lhes são antagônicos. Veremos em outra parte deste trabalho como as categorias "castigo" e "milagre" e as crenças escatológicas, tão fortemente cultuadas, expressam a transferência da violência para o plano das relações entre o

"Messias" e as forças que ameaçam o "seu povo". Na reprodução da ordem sobrenatural, que guarda em relação a ordem natural à característica de polarização, os que detêm o poder maior são tomados como "aliados" ou "protetores" do povo.

Os trechos abaixo transcritos dos folhetos sobre Padre Cícero e Frei Damião, exemplificam a já aludida conexão entre o natural e o sobrenatural que se nos afigura como elemento nuclear para a apreensão do sistema ideológico em questão.

Para tornar possível a localização dos folhetos de onde são extraídas as citações utilizamos as letras C (Padre Cícero) e D (Frei Damião) seguidas de um número que lhe é associado na catalogação dos títulos que constam em página anexa a este trabalho.

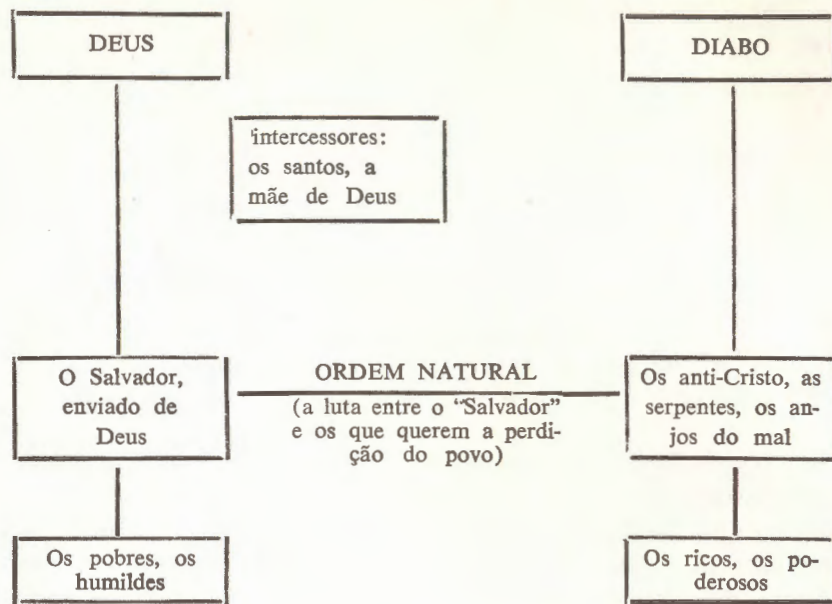
As forças do céu e do inferno travam na terra a sua batalha:

*"É portador do inimigo
esse Inimigo voraz
quem aceitar seu partido
perde o sossego e a paz
troca o céu pelo inferno
val viver como o Satanás" (C.1)*

*"Contra a doutrina
o cão declara uma guerra
e sai matando os católicos
em monte, baixo e serra
e derrubando as igrejas
de toda a face da terra" (C.1)*

Identificação do demônio com a riqueza e o poder associadas à concepção de castigo:

ORDEM SOBRENATURAL



É possível perceber ao longo das narrativas que a conexão entre o sobrenatural e a ordem natural é determinada pela percepção, ainda que pré-consciente, de que a destituição de todas as formas de poder implica também na destituição das possibilidades de uma oposição direta contra as camadas sociais de onde provém a opressão. A oposição e as "formas de luta" são deslocadas para o nível sobrenatural. A conexão se dá então por necessidades bem concretas de "proteção" que é procurada em uma força que lhes é exterior, e representada como mais poderosa e a única que poderia garantir-lhes não só a própria "salvação" mas a destruição dos que lhes são antagônicos. Veremos em outra parte deste trabalho como as categorias "castigo" e "milagre" e as crenças escatológicas, tão fortemente cultuadas, expressam a transferência da violência para o plano das relações entre o

"Messias" e as forças que ameaçam o "seu povo". Na reprodução da ordem sobrenatural, que guarda em relação a ordem natural à característica de polarização, os que detêm o poder maior são tomados como "aliados" ou "protetores" do povo.

Os trechos abaixo transcritos dos folhetos sobre Padre Cícero e Frei Damiano, exemplificam a já aludida conexão entre o natural e o sobrenatural que se nos afigura como elemento nuclear para a apreensão do sistema ideológico em questão.

Para tornar possível a localização dos folhetos de onde são extraídas as citações utilizamos as letras C (Padre Cícero) e D (Frei Damiano) seguidas de um número que lhe é associado na catalogação dos títulos que constam em página anexa a este trabalho.

As forças do céu e do inferno travam na terra a sua batalha:

*"É portador do inimigo
esse inimigo voraz
quem aceitar seu partido
perde o sossego e a paz
troca o céu pelo inferno
val viver como o Satanás" (C.1)*

*"Contra a doutrina
o cão declara uma guerra
e sai matando os católicas
em monte, baixo e serra
e derrubando as igrejas
de toda a face da terra" (C.1)*

Identificação do demônio com a riqueza e o poder associadas à concepção de castigo:

*"Tenhas cuidado com a vida
não adores a riqueza
porque o reino dos céus
é bem de muitos herdeiros
mas nele não tem parte
esses muito interesseiros
que vende a alma ao diabo
pelos gosos passageiros" (C.1)*

*"Por orgulho e egoísmo
Faraó foi castigado
e Herodes por ser perverso
de vermes foi derrotado
Deus castigou com justiça
combatendo o seu pecado". (D.1)*

A menção aos sinais da "predestinação" nas narrativas do nascimento do "Salvador" e do investimento de poderes sobrenaturais que o tornam depositário da missão de libertar e salvar o povo:

*"Lá no país da Itália
na cidade de Bozano
de um casal de agricultores
por ordem do soberano
nascia Frei Damião
nosso conselheiro humano" (D.1)*

*"Em mil oitocentos
e quarenta e quatro então
a 24 de março
véspera da anunciação
dia que o verbo encarnou
nasceu o nosso pastor
padrinho Cícero Romão" (C.2)*

*"Antes d'eu ter este sonho
já antes tinha sonhado
que via um rebanho de ovelhas
que Deus tinha me entregado
e o mesmo vinha dizer-me
que eu tivesse cuidado" (C.3)*

*"No sonho ele ouvia
a virgem assim lhe dizer
— diga a esta humanidade
que cuide de se arrepender
que o crime vai ser punido
pra isso Deus tem poder" (D.1)*

A mediação entre o sobrenatural e o natural se realiza através do "Salvador":

*"Deus vendo o povo perdido
exerceu sua caridade
e sua santíssima mãe
teve de nós piedade
rogou ao seu bento filho
que ao mundo desse auxílio
e salvasse a humanidade" (C.1)*

*"Deus eterno salvador
vendo este santo pedido
de sua santíssima mãe
foi por Jesus Cristo ouvido
para sua mãe falou
a vós prometo com amor
por mim o mundo é válido" (C.2)*

A vinculação entre a necessidade de proteção e a concepção de um Messias que é identificado com o próprio "filho de Deus" é traduzida no trecho da narrativa que conta a "troca dos meninos feita por Nossa Senhora" quando Padre

*"Tenhas cuidado com a vida
não adores a riqueza
porque o reino dos céus
é bem de muitos herdeiros
mas nele não tem parte
esses muito interesseiros
que vende a alma ao diabo
pelos gosos passageiros" (C.1)*

*"Por orgulho e egoísmo
Faraó foi castigado
e Herodes por ser perverso
de vermes foi derrotado
Deus castigou com justiça
combatendo o seu pecado". (D.1)*

A menção aos sinais da "predestinação" nas narrativas do nascimento do "Salvador" e do investimento de poderes sobrenaturais que o tornam depositário da missão de libertar e salvar o povo:

*"Lá no país da Itália
na cidade de Bozano
de um casal de agricultores
por ordem do soberano
nascia Frei Damião
nosso conselheiro humano" (D.1)*

*"Em mil oitocentos
e quarenta e quatro então
a 24 de março
véspera da anunciação
dia que o verbo encarnou
nasceu o nosso pastor
padrinho Cícero Romão" (C.2)*

*"Antes d'eu ter este sonho
já antes tinha sonhado
que via um rebanho de ovelhas
que Deus tinha me entregado
e o mesmo vinha dizer-me
que eu tivesse cuidado" (C.3)*

*"No sonho ele ouvia
a virgem assim lhe dizer
— diga a esta humanidade
que cuide de se arrepender
que o crime vai ser punido
pra isso Deus tem poder" (D.1)*

A mediação entre o sobrenatural e o natural se realiza através do "Salvador":

*"Deus vendo o povo perdido
exerceu sua caridade
e sua santíssima mãe
teve de nós piedade
rogou ao seu bento filho
que ao mundo desse auxílio
e salvasse a humanidade" (C.1)*

*"Deus eterno salvador
vendo este santo pedido
de sua santíssima mãe
foi por Jesus Cristo ouvido
para sua mãe falou
a vós prometo com amor
por mim o mundo é válido" (C.2)*

A vinculação entre a necessidade de proteção e a concepção de um Messias que é identificado com o próprio "filho de Deus" é traduzida no trecho da narrativa que conta a "troca dos meninos feita por Nossa Senhora" quando Padre

Cícero nasceu. Configura-se o fenômeno que Maurício Vinhas denomina "assunção da personalidade mítica".(1)

*"Porque quando ele nasceu
víram ali uma visão
nisto entra uma mulher
com um rosário na mão
também trazia um menino
ficando ali no salão" (C.4)*

*"Perguntou a criada a ela
Dona, quem entrou aqui
os meninos estão trocados
e uma mulher eu vi
para trocar os meninos
ela saiu por ali" (C.4)*

Os "Salvadores" são substituídos mas permanecem inalteradas as relações mantidas com os seus "fiéis": os que precisam de proteção — os que têm poder de "proteger". Assim como se sucedem as gerações dos que nada têm, também há uma linha de sucessão dos "protetores".

*"Todo mundo sabe disso
que o padrinho Cícero Romão
no ano de trinta e quatro
fez uma separação
mas entregou seusromeiros
nas mãos de Frei Damião" (D.1)*

*"No ano de 34
meu padrinho se separou
e com três anos depois
Frei Damião aqui chegou
mostrando de meu padrinho
ele é o sucessor" (D.2)*

(1) Vinhas de Queirós, *Messianismo e Conflito Social*, 2.^a edição, Editora Ática, 1977, São Paulo, pág. 59.

A análise do discurso reforça a hipótese sugerida de que a conexão entre ordem natural e sobrenatural, viga mestra da construção ideológica das camadas dominadas no Nordeste rural, é a corporificação de um sentimento de impotência que necessita gerar "Salvadores".

II — COMO SÃO PERCEBIDAS AS RELAÇÕES "SALVADOR-ROMEIROS"

As narrativas convergem para os mesmos pontos no que se refere à elaboração da imagem do "Salvador", seja ele Frei Damião ou Padre Cícero.

O "Salvador" é sempre o que se "identifica" com os valores, sofrimentos e injustiças a que está submetido seu povo, como podemos notar nos versos abaixo transcritos:

*"Nos Estados nordestinos
da Bahia ao Maranhão
de sempre em sempre aparece
fazendo SANTA MISSÃO
um trade já bem velhinho
seguinto o mesmo caminho
do padre Cícero Romão
trata-se de Frei Damião
de porte simples, sereno
com uma batina velha
de estatura pequeno
pelas cidades pregando
ao povo anunciando
como Jesus Nazareno*

*"Quando surge um emissário
do criador destemido
pregando a verdade ao povo
começa a ser perseguido
sofreu Cícero Romão
Assim o Frei Damião
É também muito atingido" (D.2)*

Cícero nasceu. Configura-se o fenômeno que Maurício Vinhas denomina "assunção da personalidade mítica".(1)

*"Porque quando ele nasceu
víram ali uma visão
nisto entra uma mulher
com um rosário na mão
também trazia um menino
ficando ali no salão" (C.4)*

*"Perguntou a criada a ela
Dona, quem entrou aqui
os meninos estão trocados
e uma mulher eu vi
para trocar os meninos
ela saiu por ali" (C.4)*

Os "Salvadores" são substituídos mas permanecem inalteradas as relações mantidas com os seus "fiéis": os que precisam de proteção — os que têm poder de "proteger". Assim como se sucedem as gerações dos que nada têm, também há uma linha de sucessão dos "protetores".

*"Todo mundo sabe disso
que o padrinho Cícero Romão
no ano de trinta e quatro
fez uma separação
mas entregou seusromeiros
nas mãos de Frei Damião" (D.1)*

*"No ano de 34
meu padrinho se separou
e com três anos depois
Frei Damião aqui chegou
mostrando de meu padrinho
ele é o sucessor" (D.2)*

(1) Vinhas de Queirós, *Messianismo e Conflito Social*, 2.^a edição, Editora Ática, 1977, São Paulo, pág. 59.

A análise do discurso reforça a hipótese sugerida de que a conexão entre ordem natural e sobrenatural, viga mestra da construção ideológica das camadas dominadas no Nordeste rural, é a corporificação de um sentimento de impotência que necessita gerar "Salvadores".

II — COMO SÃO PERCEBIDAS AS RELAÇÕES "SALVADOR-ROMEIROS"

As narrativas convergem para os mesmos pontos no que se refere à elaboração da imagem do "Salvador", seja ele Frei Damião ou Padre Cícero.

O "Salvador" é sempre o que se "identifica" com os valores, sofrimentos e injustiças a que está submetido seu povo, como podemos notar nos versos abaixo transcritos:

*"Nos Estados nordestinos
da Bahia ao Maranhão
de sempre em sempre aparece
fazendo SANTA MISSÃO
um frade já bem velho
seguinto o mesmo caminho
do padre Cícero Romão
trata-se de Frei Damião
de porte simples, sereno
com uma batina velha
de estatura pequeno
pelas cidades pregando
ao povo anunciando
como Jesus Nazareno*

*"Quando surge um emissário
do criador destemido
pregando a verdade ao povo
começa a ser perseguido
sofreu Cícero Romão
Assim o Frei Damião
É também muito atingido" (D.2)*

“Me mostrem um padre que
faz igual Frei Damião
se mistura com a pobreza
no meio da multidão
andando nas brenhas secas
do mais profundo sertão?” (D.2)

A percepção de que “ele é um dos nossos” não basta porém para configurar o “Salvador”, a cuja imagem deve ser anexado o atributo “detenção de poder” (já discutimos este ponto).

E se o poder da terra é percebido como hostil é uma decorrência lógica o engendrar para o “Salvador” um poder que não tenha a mesma origem (posse da terra e riqueza) e que assuma dimensões extraordinárias. Desta perspectiva o mecanismo de “elaboração mítica do poder”, típica de todos os movimentos milenaristas e messiânicos assume uma conotação de contestação das camadas dominadas face às bases do poder social que os oprime.

Deixamos para a parte final do trabalho a discussão sobre o caráter alienado desta contestação, face à sua ineficácia como fonte de transformação social.

O que realçamos aqui é que a especificidade desta forma de consciência, com interpenetração do sobrenatural na apreensão das relações entre os homens, é função do grau de recursos reais (poder) que uma camada social detém em determinadas circunstâncias histórico-estruturais.

Muitos autores mostram que se reproduzem em movimentos sociais de dominados nas chamadas “sociedades tradicionais”, o mesmo tipo de organização e de relações sociais existentes entre o senhor territorial e seus dependentes: proteção que só os poderosos podem dar em troca da fidelidade e do cumprimento das “obrigações” (regime de patronagem).

“Deste modo a credence é restaurada numa nova forma de invocação da ajuda de padrões sobrenaturais para a consecução de fins naturais”.(2)

Realmente é nítido o isomorfismo entre as relações patrão e seus “agregados e afilhados” e as relações entre os fiéis ouromeiros e o Padrinho Cícero ou o Frei Damião.

Que a analogia não mascare porém o fato de que osromeiros de Padre Cícero ou Frei Damião do mesmo modo que os “crentes” de José Maria(3) ou do beato “Conselheiro”(4) seguem a um “protetor” a quem aderem espontaneamente e cuja fonte de poder é percebida como estranha e contrária à dos que detêm o poder local.

É interessante observar na narrativa que as vinculações entre Padre Cícero e os “coronéis”, os representantes do poder local, sofrem reinterpretações de modo a preservar a consistência interna do sistema ideológico.

Em nenhum momento ele deixa de ser representado como “meu padrinho”, numa ênfase à “pessoalidade” que marca tais relações. O fato de que foi vice-presidente do Estado, por exemplo, é realçado como sinal do seu poder e sucesso em obter favores para o seu povo, entre os quais o progresso de Juazeiro é assinalado com freqüência.

Nos folhetos de Cordel consultados não há qualquer alusão a Floro Bartolomeu e esta omissão da memória popular do personagem que centraliza os laços profanos do padre Cícero com a ordem instituída merece um estudo mais detalhado.

Transcrevemos, a seguir, trechos da narrativa que nos parecerão expressar melhor as observações acima tecidas sobre as relações entre “Salvador” e fiéis.

Com as secas recrudescem a penúria e as romarias para pedir “proteção”:

-
- (2) Kadt Emanuel, “Religião, Igreja e Mutação Social no Brasil”, em *América Latina em Crise*, São Paulo, 1970, pág. 210.
(3) Ver a excelente reprodução do movimento messiânico do Contestado feita por Maurício Vinhas de Queirós.
(4) Ver o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que relata a Guerra dos Canudos nos sertões baianos.

“Me mostrem um padre que
faz igual Frei Damião
se mistura com a pobreza
no meio da multidão
andando nas brenhas secas
do mais profundo sertão?” (D.2)

A percepção de que “ele é um dos nossos” não basta porém para configurar o “Salvador”, a cuja imagem deve ser anexado o atributo “detenção de poder” (já discutimos este ponto).

E se o poder da terra é percebido como hostil é uma decorrência lógica o engendrar para o “Salvador” um poder que não tenha a mesma origem (posse da terra e riqueza) e que assuma dimensões extraordinárias. Desta perspectiva o mecanismo de “elaboração mítica do poder”, típica de todos os movimentos milenaristas e messiânicos assume uma conotação de contestação das camadas dominadas face às bases do poder social que os oprime.

Deixamos para a parte final do trabalho a discussão sobre o caráter alienado desta contestação, face à sua ineficácia como fonte de transformação social.

O que realçamos aqui é que a especificidade desta forma de consciência, com interpenetração do sobrenatural na apreensão das relações entre os homens, é função do grau de recursos reais (poder) que uma camada social detém em determinadas circunstâncias histórico-estruturais.

Muitos autores mostram que se reproduzem em movimentos sociais de dominados nas chamadas “sociedades tradicionais”, o mesmo tipo de organização e de relações sociais existentes entre o senhor territorial e seus dependentes: proteção que só os poderosos podem dar em troca da fidelidade e do cumprimento das “obrigações” (regime de patronagem).

“Deste modo a credence é restaurada numa nova forma de invocação da ajuda de padrões sobrenaturais para a consecução de fins naturais”.(2)

Realmente é nítido o isomorfismo entre as relações patrão e seus “agregados e afilhados” e as relações entre os fiéis ouromeiros e o Padrinho Cícero ou o Frei Damião.

Que a analogia não mascare porém o fato de que osromeiros de Padre Cícero ou Frei Damião do mesmo modo que os “crentes” de José Maria(3) ou do beato “Conselheiro”(4) seguem a um “protetor” a quem aderem espontaneamente e cuja fonte de poder é percebida como estranha e contrária à dos que detêm o poder local.

É interessante observar na narrativa que as vinculações entre Padre Cícero e os “coronéis”, os representantes do poder local, sofrem reinterpretações de modo a preservar a consistência interna do sistema ideológico.

Em nenhum momento ele deixa de ser representado como “meu padrinho”, numa ênfase à “pessoalidade” que marca tais relações. O fato de que foi vice-presidente do Estado, por exemplo, é realçado como sinal do seu poder e sucesso em obter favores para o seu povo, entre os quais o progresso de Juazeiro é assinalado com freqüência.

Nos folhetos de Cordel consultados não há qualquer alusão a Floro Bartolomeu e esta omissão da memória popular do personagem que centraliza os laços profanos do padre Cícero com a ordem instituída merece um estudo mais detalhado.

Transcrevemos, a seguir, trechos da narrativa que nos parecerão expressar melhor as observações acima tecidas sobre as relações entre “Salvador” e fiéis.

Com as secas recrudescem a penúria e as romarias para pedir “proteção”:

- (2) Kadt Emanuel, “Religião, Igreja e Mutação Social no Brasil”, em *América Latina em Crise*, São Paulo, 1970, pág. 210.
- (3) Ver a excelente reprodução do movimento messiânico do Contestado feita por Maurício Vinhas de Queirós.
- (4) Ver o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que relata a Guerra dos Canudos nos sertões baianos.

*"Perdeu-se toda a lavoura
dos pobres agricultores
o gado morrendo de fome
era o horror dos horrores
o sertão todo deserto
ficou poucos moradores
o povo de Juazeiro
fazia reunião
na porta de meu padrinho
para fazer oração
receber as santas bênçãos
ouvir o santo sermão"* (C.5)

Observa-se que mesclada à idéia de uma salvação remota e absolutizada, a mobilização dos romeiros comporta a busca de "salvações menores" para os males imediatos: a fome, a doença, a aflição...

*"Meu padrinho naquela hora
a todo mundo agradava
a uns dava conselhos
a outros esmolava dava
para uns era médico
e a outros consolava"* (C.5)

*"Fiquem morando aqui mesmo
não precisam se mudar
que a Virgem Nossa Senhora
dá jeito com que passar
eu garanto que de fome
nenhum irá se acabar"* (C.5)

*"Quando te faltar a fé
da Santa Religião
ou te faltar descanso
água, comida e pão
venha para o Juazeiro
que acharás remissão"* (C.6)

Referência ao "poder" do protetor:

*"Tinha cabra valentão
que era fera bravia
não acreditava em Deus
nem o governo atendia
na frente do Padre Cícero
perdia a fala e tremia"* (C.5)

Há uma troca de benefícios: a salvação e proteção são dadas sob a exigência de fidelidade e obediência às leis da "Santa Religião". Alternam-se na narrativa promessas e ameaças, milagres e castigos, que reforçam tanto as bases do poder do Redentor como o pacto com o "seu povo".

*"Frei Damião é um santo
faz milagre e tem poder
e feliz da criatura
que em Frei Damião crê"* (D.3)

*"Frei Damião manda rezar
e casa os amancebados
orienta para o trabalho
e consola os desmiolados
lembra o céu, mostra o inferno
para aqueles descontrolados"* (D.4)

*"Quem se valer do meu nome
e confiar no que eu digo
aqui na vida presente
eu defendo do perigo (a salvação próxima)
e depois na vida eterna
vai morar junto comigo"* (C.5)

*"Perdeu-se toda a lavoura
dos pobres agricultores
o gado morrendo de fome
era o horror dos horrores
o sertão todo deserto
ficou poucos moradores
o povo de Juazeiro
fazia reunião
na porta de meu padrinho
para fazer oração
receber as santas bênçãos
ouvir o santo sermão"* (C.5)

Observa-se que mesclada à idéia de uma salvação remota e absolutizada, a mobilização dos romeiros comporta a busca de "salvações menores" para os males imediatos: a fome, a doença, a aflição...

*"Meu padrinho naquela hora
a todo mundo agradava
a uns dava conselhos
a outros esmolava dava
para uns era médico
e a outros consolava"* (C.5)

*"Fiquem morando aqui mesmo
não precisam se mudar
que a Virgem Nossa Senhora
dá jeito com que passar
eu garanto que de fome
nenhum irá se acabar"* (C.5)

*"Quando te faltar a fé
da Santa Religião
ou te faltar descanso
água, comida e pão
venha para o Juazeiro
que acharás remissão"* (C.6)

Referência ao "poder" do protetor:

*"Tinha cabra valentão
que era fera bravia
não acreditava em Deus
nem o governo atendia
na frente do Padre Cícero
perdia a fala e tremia"* (C.5)

Há uma troca de benefícios: a salvação e proteção são dadas sob a exigência de fidelidade e obediência às leis da "Santa Religião". Alternam-se na narrativa promessas e ameaças, milagres e castigos, que reforçam tanto as bases do poder do Redentor como o pacto com o "seu povo".

*"Frei Damião é um santo
faz milagre e tem poder
e feliz da criatura
que em Frei Damião crê"* (D.3)

*"Frei Damião manda rezar
e casa os amancebados
orienta para o trabalho
e consola os desmiolados
lembra o céu, mostra o inferno
para aqueles descontrolados"* (D.4)

*"Quem se valer do meu nome
e confiar no que eu digo
aqui na vida presente
eu defendo do perigo (a salvação próxima)
e depois na vida eterna
vai morar junto comigo"* (C.5)

*"Quem não ouvir meu conselho
também deste não preciso
quem não quer saber de Deus
nem da minha proteção
procure lá o seu Deus
por justa lei da razão
vá procurar outro céu
que no meu não quero não"* (C.5)

III — OS NIVEIS EM QUE SÃO CAPTADAS OPOSIÇÕES ENTRE CAMADAS SOCIAIS

Sem dúvida é possível detectar ao longo da narrativa a expressão de antagonismos entre camadas sociais. Como já assinalamos no início deste trabalho, tais antagonismos assumem o contorno de luta polarizada que se trava em um nível de interpenetração dos planos sobrenatural e natural entre as forças do bem e do mal, entre os "protetores do povo" e as forças que os ameaçam.

É o que pretendemos demonstrar através da análise do processo de manipulação da violência que é uma presença marcante no discurso folhetinesco.

Selecionamos alguns momentos que nos parecem privilegiados para isto e que são exatamente aqueles que nos informam sobre:

Em relação a quem são acionados os poderes atribuídos ao "Salvador" de fazer "milagres" ou de "castigar". É interessante lembrar que tanto os livretos sobre Frei Damião quanto os sobre Padre Cícero são pródigos em narrativas de "milagres" ou "curas" e de "castigos". Enquanto os "milagres" permitem identificar os "aliados", ou seja, a favor de quem o poder do "Protetor" é mobilizado, os "castigos" nos informam quem é percebido como inimigo e por que. As profecias sobre o fim do mundo serão objeto de análise na medida em que sintetizam a apoteose da violência na pregação da destruição total que exclui apenas os "eleitos".

Dada a ocorrência de um processo de identificação entre "Seguidores" e "Protetores", tomamos os discursos sobre perseguições sofridas pelos "Protetores" como momentos em que mais agudamente são captadas pelos dominados as contradições da ordem social em que se movem e denunciados os agentes da opressão.

"MILAGRES" E "CASTIGOS"

Na categoria "milagres" se incluem os atos que confirmam o poder do "Protetor" e que revertem sempre em benefício dos que sofrem e dos que nada têm. Maurício Vinhas de Queirós, no livro *Messianismo e Conflito Social*, define o papel das "curas mágicas" das mazelas e da crença no poder de ressuscitar os mortos que grassam nos sertões como "a forma de poder alcançar no plano sobrenatural o que lhes é negado pelo atraso técnico ou pela injustiça real ou imaginária das relações existentes entre os homens". Ao Padre Cícero e a Frei Damião também são atribuídas muitas "curas": o cego que passa a ver, o aleijado a andar, o morto que se levanta...

*"Eu quero contar um caso
que em São Pedro se passou
no tempo que meu Padrinho
lá em São Pedro morou
com o seu divino conforto
um homem depois de morto
meu Padrinho levantou"* (C.2)

O "sinal" que na narrativa pode ser tomado para distinguir um ato em que se exerce poder sobrenatural como milagre ou castigo é que o primeiro se aplica aos fiéis e o segundo aos "infiéis" (inimigos). Os que crêem (os fiéis) são identificados como "o povo que sofre".

*"Quem não ouvir meu conselho
também deste não preciso
quem não quer saber de Deus
nem da minha proteção
procure lá o seu Deus
por justa lei da razão
vá procurar outro céu
que no meu não quero não"* (C.5)

III — OS NÍVEIS EM QUE SÃO CAPTADAS OPOSIÇÕES ENTRE CAMADAS SOCIAIS

Sem dúvida é possível detectar ao longo da narrativa a expressão de antagonismos entre camadas sociais. Como já assinalamos no início deste trabalho, tais antagonismos assumem o contorno de luta polarizada que se trava em um nível de interpenetração dos planos sobrenatural e natural entre as forças do bem e do mal, entre os "protetores do povo" e as forças que os ameaçam.

É o que pretendemos demonstrar através da análise do processo de manipulação da violência que é uma presença marcante no discurso folhetinesco.

Selecionamos alguns momentos que nos parecem privilegiados para isto e que são exatamente aqueles que nos informam sobre:

Em relação a quem são acionados os poderes atribuídos ao "Salvador" de fazer "milagres" ou de "castigar". É interessante lembrar que tanto os livretos sobre Frei Damião quanto os sobre Padre Cícero são pródigos em narrativas de "milagres" ou "curas" e de "castigos". Enquanto os "milagres" permitem identificar os "aliados", ou seja, a favor de quem o poder do "Protetor" é mobilizado, os "castigos" nos informam quem é percebido como inimigo e por que. As profecias sobre o fim do mundo serão objeto de análise na medida em que sintetizam a apoteose da violência na pregação da destruição total que exclui apenas os "eleitos".

Dada a ocorrência de um processo de identificação entre "Seguidores" e "Protetores", tomamos os discursos sobre perseguições sofridas pelos "Protetores" como momentos em que mais agudamente são captadas pelos dominados as contradições da ordem social em que se movem e denunciados os agentes da opressão.

"MILAGRES" E "CASTIGOS"

Na categoria "milagres" se incluem os atos que confirmam o poder do "Protetor" e que revertem sempre em benefício dos que sofrem e dos que nada têm. Maurício Vinhas de Queirós, no livro *Messianismo e Conflito Social*, define o papel das "curas mágicas" das mazelas e da crença no poder de ressuscitar os mortos que grassam nos sertões como "a forma de poder alcançar no plano sobrenatural o que lhes é negado pelo atraso técnico ou pela injustiça real ou imaginária das relações existentes entre os homens". Ao Padre Cícero e a Frei Damião também são atribuídas muitas "curas": o cego que passa a ver, o aleijado a andar, o morto que se levanta...

*"Eu quero contar um caso
que em São Pedro se passou
no tempo que meu Padrinho
lá em São Pedro morou
com o seu divino conforto
um homem depois de morto
meu Padrinho levantou"* (C.2)

O "sinal" que na narrativa pode ser tomado para distinguir um ato em que se exerce poder sobrenatural como milagre ou castigo é que o primeiro se aplica aos fiéis e o segundo aos "infiéis" (inimigos). Os que crêem (os fiéis) são identificados como "o povo que sofre".

*"Na hora que ele abençoa
Um cego pode enxergar
Um aleijado a muleta
Pode não mais precisar
É o poder da oração
que cura qualquer cristão
Depende não duvidar" (D.2)*

A literatura sobre Frei Damião é mais pródiga em narrativas de casos de "castigos". Destacamos aqui, para efeito de análise, principalmente os folhetos intitulados *História de Um Crente Que Foi Castigado Por Frei Damião* e *O Homem que virou Urubu porque quis matar Frei Damião*.

A *História de um Crente que foi Castigado por Frei Damião* — O "caso": Um velho vinha viajando em um caminhão. Vendo grande movimentação numa cidade em que pararam, o velho indaga se tem "missões" por ali. Quando fica sabendo que é o grande Frei Damião que vem pregar para o povo, resolve ficar e diz isto para o dono do caminhão que lhe responde que não sabe como é que ele quer ouvir uma "besta daquela" e que possui "um bode em casa que pode mais do que ele". Tenta convencer o velho a ir embora com ele mesmo sem nada pagar e recebe por resposta um não indignado pela ofensa feita ao seu "Santo Protetor". O caminhão que segue viagem vira logo adiante. A causa sobrenatural do desastre é apontada porque nenhum defeito o carro acusava. Por mais que o homem se esforçasse para tirar o caminhão da barranca, com corda, corrente e trator, nenhuma força o removia. O homem reconhece que é "castigo" de Frei Damião e manda buscá-lo. O frade, vendo o homem arrependido, faz o caminhão sair logo no primeiro arranco.

Tentaremos captar os níveis de "antagonismos" ou de luta através da caracterização da ação dos personagens que se opõem e dos que são percebidos como "aliados".

A oposição se opera nos seguintes níveis de ação: Entre o "dono do carro" e o velho que viaja no seu caminhão. Talvez seja significativo observar que a categoria "ser rico" e pro-

prietário é aliada à de ser "íntel". Por outro lado, a oposição entre o "poder da terra" e o "poder dos Santos" transparece no diálogo em que o dono do caminhão tenta convencer o velho usando como argumento o fato de que não "precisava pagar a passagem".

*"O velho disse: — seu moço
quero a passagem acertar
o homem disse é cem cruzeiros
e querendo viajar
vai de boleia comigo
e nada vai me pagar
só pra você não ficar
"ouvindo este bestalhão" (D.3)*

*"Seu moço olhe para minha afeição
falou do frade eu não subo
mais nunca em seu caminhão
e lhe pagou cem cruzeiros
de Campina a Soledade
ansioso de vontade
confessou-se e comungou
no altar da divindade" (D.3)*

A agressividade da resposta, além de reafirmar a oposição, mostra a linha de pares aliados: homem do povo e Frei Damião; Frei Damião e o poder da divindade.

Outro momento da narrativa que expressa com clareza a oposição "poder da terra" e "poder dos Santos" é aquela em que o homem tenta convencer Frei Damião a tirar seu carro do atoleiro. Novamente o argumento dinheiro aparece, provocando a atitude de repulsa do frade:

*"Seu padre já conheci
que você é quase Santo
tome dez mil cruzeiros e faça
meu carro sair do canto" (D.3)*

*“Na hora que ele abençoa
Um cego pode enxergar
Um aleijado a muleta
Pode não mais precisar
É o poder da oração
que cura qualquer cristão
Depende não duvidar” (D.2)*

A literatura sobre Frei Damião é mais pródiga em narrativas de casos de “castigos”. Destacamos aqui, para efeito de análise, principalmente os folhetos intitulados *História de Um Crente Que Foi Castigado Por Frei Damião* e *O Homem que virou Urubu porque quis matar Frei Damião*.

A *História de um Crente que foi Castigado por Frei Damião* — O “caso”: Um velho vinha viajando em um caminhão. Vendo grande movimentação numa cidade em que pararam, o velho indaga se tem “missões” por ali. Quando fica sabendo que é o grande Frei Damião que vem pregar para o povo, resolve ficar e diz isto para o dono do caminhão que lhe responde que não sabe como é que ele quer ouvir uma “besta daquela” e que possui “um bode em casa que pode mais do que ele”. Tenta convencer o velho a ir embora com ele mesmo sem nada pagar e recebe por resposta um não indignado pela ofensa feita ao seu “Santo Protetor”. O caminhão que segue viagem vira logo adiante. A causa sobrenatural do desastre é apontada porque nenhum defeito o carro acusava. Por mais que o homem se esforçasse para tirar o caminhão da barranca, com corda, corrente e trator, nenhuma força o removia. O homem reconhece que é “castigo” de Frei Damião e manda buscá-lo. O frade, vendo o homem arrependido, faz o caminhão sair logo no primeiro arranco.

Tentaremos captar os níveis de “antagonismos” ou de luta através da caracterização da ação dos personagens que se opõem e dos que são percebidos como “aliados”.

A oposição se opera nos seguintes níveis de ação: Entre o “dono do carro” e o velho que viaja no seu caminhão. Talvez seja significativo observar que a categoria “ser rico” e pro-

prietário é aliada à de ser “infiel”. Por outro lado, a oposição entre o “poder da terra” e o “poder dos Santos” transparece no diálogo em que o dono do caminhão tenta convencer o velho usando como argumento o fato de que não “precisava pagar a passagem”.

*“O velho disse: — seu moço
quero a passagem acertar
o homem disse é cem cruzeiros
e querendo viajar
vai de boleia comigo
e nada vai me pagar
só pra você não ficar
“ouvindo este bestalhão” (D.3)*

*“Seu moço olhe para minha afeição
falou do frade eu não subo
mais nunca em seu caminhão
e lhe pagou cem cruzeiros
de Campina a Soledade
ansioso de vontade
confessou-se e comungou
no altar da divindade” (D.3)*

A agressividade da resposta, além de reafirmar a oposição, mostra a linha de pares aliados: homem do povo e Frei Damião; Frei Damião e o poder da divindade.

Outro momento da narrativa que expressa com clareza a oposição “poder da terra” e “poder dos Santos” é aquela em que o homem tenta convencer Frei Damião a tirar seu carro do atoleiro. Novamente o argumento dinheiro aparece, provocando a atitude de repulsa do frade:

*“Seu padre já conheci
que você é quase Santo
tome dez mil cruzeiros e faça
meu carro sair do canto” (D.3)*

*“Frei Damião disse: — Filho
você está enganado
me oferecendo dinheiro
pensando que eu sou comprado
o seu dinheiro pra mim
é todo amaldiçoado” (D.3)*

*“Foi dar vinte mil cruzeiros
de esmola a Frei Damião
ele recusou então
não recebeu um tostão
mandou que ele guardasse
pra gastar com o caminhão” (D.3)*

Podemos, portanto, acrescentar que a narrativa do “castigo” é sempre a ocasião de confronto entre as forças ou poderes das partes antagônicas. A seqüência da narrativa sofre poucas variações para todos os casos: 1) a exaltação do poder do protetor; 2) alguém ofende ou contesta o seu poder; 3) o repúdio por parte dos fiéis; 4) o castigo, ou seja, a confirmação do poder pela punição do culpado.

“O HOMEM QUE VIROU URUBU PORQUE QUIS MATAR FREI DAMIÃO”

O “caso”: Um tal de Gastão Quinu dizia que só acreditava em Frei Damião se “virasse um urubu” e foi o que aconteceu com ele. Na frente de toda gente que ouvia a pregação chegou aos pés do frade “virado” num urubu preto e feio. Depois de afirmar-se arrependido é novamente “transformado em cristão”. A troça do povo fez crescer no homem o desejo de vingar-se do frade. “Atocaiou-o” na estrada com uma espingarda cheia de munição mas o tiro “voltou para traz”, e, em vez de matar o frade, deixou “o homem cego de guia”.

O povo tentou prender o cego mas Frei Damião pediu que deixassem que ele ouvisse o seu sermão. Novamente o

homem pediu ao frade que o livrasse do castigo “confessando-se arrependido”. O frade atendeu o pedido mas exigiu que antes ele se confessasse, fosse à missa e ficasse de joelhos. A raiva do homem aumentou levando-o a preparar nova cilada: matar o frade na hora em que o mesmo viesse confessá-lo, atendendo a um pedido seu. O frade “adivinhou-lhe” as pretensões sinistras mas, mesmo assim, foi ao seu encontro, pois confiava em seu próprio poder. O homem foi encontrado morto com o punhal na mão, de onde ninguém conseguiu arrancá-lo, a não ser o próprio Frei Damião.

Reencontramos nesta última narrativa a mesma seqüência já assinalada para a anterior. No entanto, ela é acrescida de algumas nuances dignas de nota:

— A luta entre o “infiel” e o frade mostra que a conciliação entre os atores que personificam “o Bem e o Mal” não se pode consumir. Os trechos abaixo citados ilustram a ênfase aos comportamentos de dissimulação, traição e de vingança desenvolvidos pelo “infiel” e que caracterizam a provisoriamente dos “pactos” sempre impostos pela “barganha”: a eliminação do “castigo” em troca do reconhecimento público do poder da outra parte.

*“A noite Frei Damião
estava pregando a verdade
chegou o monstro dizendo:
— Me perdoai por caridade
faça eu ficar bom da vista
que eu amo a divindade” (D.5)*

*“Frei Damião foi dizendo
— Se agora mesmo aceita
Vá a missa e se confesse
com fé em Deus sem suspeita
passe de joelhos seis horas
que sua vista endireita” (D.5)*

*“Frei Damião disse: — Filho
você está enganado
me oferecendo dinheiro
pensando que eu sou comprado
o seu dinheiro pra mim
é todo amaldiçoado” (D.3)*

*“Foi dar vinte mil cruzeiros
de esmola a Frei Damião
ele recusou então
não recebeu um tostão
mandou que ele guardasse
pra gastar com o caminhão” (D.3)*

Podemos, portanto, acrescentar que a narrativa do “castigo” é sempre a ocasião de confronto entre as forças ou poderes das partes antagonicas. A seqüência da narrativa sofre poucas variações para todos os casos: 1) a exaltação do poder do protetor; 2) alguém ofende ou contesta o seu poder; 3) o repúdio por parte dos fiéis; 4) o castigo, ou seja, a confirmação do poder pela punição do culpado.

“O HOMEM QUE VIROU URUBU PORQUE QUIS MATAR FREI DAMIÃO”

O “caso”: Um tal de Gastão Quinu dizia que só acreditava em Frei Damião se “virasse um urubu” e foi o que aconteceu com ele. Na frente de toda gente que ouvia a pregação chegou aos pés do frade “virado” num urubu preto e feio. Depois de afirmar-se arrependido é novamente “transformado em cristão”. A troça do povo fez crescer no homem o desejo de vingar-se do frade. “Atocaiou-o” na estrada com uma espingarda cheia de munição mas o tiro “voltou para traz”, e, em vez de matar o frade, deixou “o homem cego de guia”.

O povo tentou prender o cego mas Frei Damião pediu que deixassem que ele ouvisse o seu sermão. Novamente o

homem pediu ao frade que o livrasse do castigo “confessando-se arrependido”. O frade atendeu o pedido mas exigiu que antes ele se confessasse, fosse à missa e ficasse de joelhos. A raiva do homem aumentou levando-o a preparar nova cilada: matar o frade na hora em que o mesmo viesse confessá-lo, atendendo a um pedido seu. O frade “adivinhou-lhe” as pretensões sinistras mas, mesmo assim, foi ao seu encontro, pois confiava em seu próprio poder. O homem foi encontrado morto com o punhal na mão, de onde ninguém conseguiu arrancá-lo, a não ser o próprio Frei Damião.

Reencontramos nesta última narrativa a mesma seqüência já assinalada para a anterior. No entanto, ela é acrescida de algumas nuances dignas de nota:

— A luta entre o “infiel” e o frade mostra que a conciliação entre os atores que personificam “o Bem e o Mal” não se pode consumir. Os trechos abaixo citados ilustram a ênfase aos comportamentos de dissimulação, traição e de vingança desenvolvidos pelo “infiel” e que caracterizam a provisoriade dos “pactos” sempre impostos pela “barganha”: a eliminação do “castigo” em troca do reconhecimento público do poder da outra parte.

*“A noite Frei Damião
estava pregando a verdade
chegou o monstro dizendo:
— Me perdoai por caridade
faça eu ficar bom da vista
que eu amo a divindade” (D.5)*

*“Frei Damião foi dizendo
— Se agora mesmo aceita
Vá a missa e se confesse
com fé em Deus sem suspeita
passe de joelhos seis horas
que sua vista endireita” (D.5)*

*"Gastão Quinu não queria, (a dissimulação)
ouvir nunca a confissão
mas pra ficar bom dos olhos
botou joelhos no chão" (D.5)*

*"Ele me paga é agora (a vingança)
porque faz eu ficar cego
e chamar nossa Senhora"*

A traição e a violência:

*"Arrumou uma espingarda
e encheu de munição
botou pólvora, bucha e prego
chumbo, enchofre e alcatrão
foi para a beira da rodagem
tocaiar Frei Damião".*

*"Leitores vejam a cilada
daquele infeliz cristão
fez que estava pra morrer
pra chamar Frei Damião
para poder matar ele
na hora da confissão".*

O ciclo ofensa-castigo-exigência de arrependimento — arrependimento dissimulado-traição-castigo, é percorrido várias vezes até o momento da destruição total daquele que é simbolizado como "inimigo".

Outro aspecto observado é que a violência acionada contra o "Salvador" é sempre representada como uma opressão direta: ele é perseguido, é atraído, é ameaçado de morte, é caluniado, enquanto que a violência (ou "castigo") contra o "infel" é acionada de modo indireto, através da mediação dos "aliados sobrenaturais".

AS PROFECIAS SOBRE O FIM DO MUNDO

As pesquisas feitas no universo rural nordestino indicam a contínua presença de crenças milenaristas acopladas à mensagem apocalíptica dos seus "profetas" expressa em uma linguagem prenhe de violência. Não há, entretanto, o "monopólio" destas características que são, em verdade, partilhadas por todas as ideologias de movimentos que Hobsbawn classifica como pré-políticos, exatamente por serem empreendidos por pessoas que não encontraram ainda, ou apenas começaram a encontrar, "a linguagem específica para expressar suas aspirações em relação ao mundo".(5) Questionamos a classificação de movimentos sociais em pré-políticos e políticos a partir do critério de "primitivismo — não primitivismo" dos participantes, pois supomos estar o fenômeno "configuração da consciência social" (ou ideologia) determinado de modo especial pela maior ou menor rigidez do sistema de dominação a que os sujeitos estejam submetidos. A dominação pode implicar na apropriação de todos os recursos e com eles a possibilidade de reações de protesto mais eficazes.

Como o que pretendemos é nos colocar na perspectiva do dominado para captar a "lógica interna", a racionalidade de sua ideologia, mergulhamos em seu discurso na esperança de encontrar ali a explicação para a regularidade desta adesão a crenças no fim do mundo, tentando descortinar o que se esconde sob esta linguagem e o que a torna uma forma tão atraente de proselitismo manipulada pelos "líderes-profetas".

As imagens sobre o "fim do mundo" estão vinculadas na narrativa popular à eclosão de misérias bem conhecidas dos sertanejos: o cativo, a fome, a sede, a peste, a guerra, a carestia, o sofrimento.

(5) Hobsbawn, *Rebeldes Primitivos*, Zahar, São Paulo, 1970.

*"Gastão Quinu não queria, (a dissimulação)
ouvir nunca a confissão
mas pra ficar bom dos olhos
botou joelhos no chão" (D.5)*

*"Ele me paga é agora (a vingança)
porque faz eu ficar cego
e chamar nossa Senhora"*

A traição e a violência:

*"Arrumou uma espingarda
e encheu de munição
botou pólvora, bucha e prego
chumbo, enchofre e alcatrão
foi para a beira da rodagem
tocaiar Frei Damião".*

*"Leitores vejam a cilada
daquele infeliz cristão
fez que estava pra morrer
pra chamar Frei Damião
para poder matar ele
na hora da confissão".*

O ciclo ofensa-castigo-exigência de arrependimento — arrependimento dissimulado-traição-castigo, é percorrido várias vezes até o momento da destruição total daquele que é simbolizado como "inimigo".

Outro aspecto observado é que a violência acionada contra o "Salvador" é sempre representada como uma opressão direta: ele é perseguido, é atraído, é ameaçado de morte, é caluniado, enquanto que a violência (ou "castigo") contra o "infel" é acionada de modo indireto, através da mediação dos "aliados sobrenaturais".

AS PROFECIAS SOBRE O FIM DO MUNDO

As pesquisas feitas no universo rural nordestino indicam a contínua presença de crenças milenaristas acopladas à mensagem apocalíptica dos seus "profetas" expressa em uma linguagem prenhe de violência. Não há, entretanto, o "monopólio" destas características que são, em verdade, partilhadas por todas as ideologias de movimentos que Hobsbawn classifica como pré-políticos, exatamente por serem empreendidos por pessoas que não encontraram ainda, ou apenas começaram a encontrar, "a linguagem específica para expressar suas aspirações em relação ao mundo".(5) Questionamos a classificação de movimentos sociais em pré-políticos e políticos a partir do critério de "primitivismo — não primitivismo" dos participantes, pois supomos estar o fenômeno "configuração da consciência social" (ou ideologia) determinado de modo especial pela maior ou menor rigidez do sistema de dominação a que os sujeitos estejam submetidos. A dominação pode implicar na apropriação de todos os recursos e com eles a possibilidade de reações de protesto mais eficazes.

Como o que pretendemos é nos colocar na perspectiva do dominado para captar a "lógica interna", a racionalidade de sua ideologia, mergulhamos em seu discurso na esperança de encontrar ali a explicação para a regularidade desta adesão a crenças no fim do mundo, tentando descortinar o que se esconde sob esta linguagem e o que a torna uma forma tão atraente de proselitismo manipulada pelos "líderes-profetas".

As imagens sobre o "fim do mundo" estão vinculadas na narrativa popular à eclosão de misérias bem conhecidas dos sertanejos: o cativo, a fome, a sede, a peste, a guerra, a carestia, o sofrimento.

(5) Hobsbawn, *Rebeldes Primitivos*, Zahar, São Paulo, 1970.

*"No ano 72
recomeça a agonia
fome, sede, peste, guerra
sofrimento e carestia
por toda parte da terra
o povo só fala em guerra
como o profeta anuncia" (C.7)*

*"No ano 74
do Brasil ao estrangeiro
o povo tem que sofrer
o maldito cativo
da praia para o sertão
é grande a destruição
no globo do mundo inteiro" (C.7)*

A "perseguição" aparece nas imagens das forças do mal que usam as armas da dissimulação para tentar "comprar os fiéis" com aquilo que é percebido como a base do seu poder: o dinheiro. Como já assinalamos essas imagens têm lugar com roupagens diversas em praticamente todos os folhetos:

*"Nesta era de 70
é grande a perseguição
sairá a capa verde
pregando um grande sermão
oferecendo um tesouro
dando um rosário de ouro
por um da religião" (C.7)*

A pregação apocalíptica se caracteriza pela representação de um alargamento do raio de ação das desgraças (fome, sede, peste, sofrimento, carestia) de modo a atingir aos que são percebidos como "imunes" na ordem presente.

*"No ano 79
geme quem nunca gemeu
chora quem nunca chorou
sofre quem nunca sofreu
briga quem nunca brigou
dança quem nunca dançou
corre quem nunca correu" (C.7)*

*"No ano 83
a crise será pior
sofrerão fracos e fortes
pequeno, médio e maior
tudo sofre e não se expande" (D.1)*

As relações sociais são, deste modo, "recriadas" em duas etapas:

- a) A etapa de igualitarismo em que os sofrimentos são indistintamente partilhados;
- b) A etapa em que os "fiéis" são escolhidos e "salvos" enquanto os infiéis são "castigados". Isto corresponde à noção de "justiça" do mesmo modo que a do "poder", que alocam a seu favor, não poderia ter bases "terrenas".

Tanto a categoria "castigo" como a categoria "salvação" são manipuladas seletivamente numa clara percepção de grupos antagônicos que têm seus aliados na ordem sobrenatural: Deus e o Diabo.

*"No ano 85
a 26 de São João
surgirão os gafanhotos
vindos do centro do chão
roendo os assinalados
que já estão desprezados
nos laços da maldição" (C.7)*

*"No ano 72
recomeça a agonia
fome, sede, peste, guerra
sofrimento e carestia
por toda parte da terra
o povo só fala em guerra
como o profeta anuncia" (C.7)*

*"No ano 74
do Brasil ao estrangeiro
o povo tem que sofrer
o maldito cativo
da praia para o sertão
é grande a destruição
no globo do mundo inteiro" (C.7)*

A "perseguição" aparece nas imagens das forças do mal que usam as armas da dissimulação para tentar "comprar os fiéis" com aquilo que é percebido como a base do seu poder: o dinheiro. Como já assinalamos essas imagens têm lugar com roupagens diversas em praticamente todos os folhetos:

*"Nesta era de 70
é grande a perseguição
sairá a capa verde
pregando um grande sermão
oferecendo um tesouro
dando um rosário de ouro
por um da religião" (C.7)*

A pregação apocalíptica se caracteriza pela representação de um alargamento do raio de ação das desgraças (fome, sede, peste, sofrimento, carestia) de modo a atingir aos que são percebidos como "imunes" na ordem presente.

*"No ano 79
geme quem nunca gemeu
chora quem nunca chorou
sofre quem nunca sofreu
briga quem nunca brigou
dança quem nunca dançou
corre quem nunca correu" (C.7)*

*"No ano 83
a crise será pior
sofrerão fracos e fortes
pequeno, médio e maior
tudo sofre e não se expande" (D.1)*

As relações sociais são, deste modo, "recriadas" em duas etapas:

- a) A etapa de igualitarismo em que os sofrimentos são indistintamente partilhados;
- b) A etapa em que os "fiéis" são escolhidos e "salvos" enquanto os infiéis são "castigados". Isto corresponde à noção de "justiça" do mesmo modo que a do "poder", que alocam a seu favor, não poderia ter bases "terrenas".

Tanto a categoria "castigo" como a categoria "salvação" são manipuladas seletivamente numa clara percepção de grupos antagônicos que têm seus aliados na ordem sobrenatural: Deus e o Diabo.

*"No ano 85
a 26 de São João
surgirão os gafanhotos
vindos do centro do chão
roendo os assinalados
que já estão desprezados
nos laços da maldição" (C.7)*

*"No ano 88
por ordem do Pai Eterno
descerão São Gabriel
e São Miguel com um caderno
e os maus serão trancados
na profundidade do inferno" (C.7)*

A inversão que caracteriza o processo de elaboração mítica da nova ordem atinge também as coisas da natureza. Isto parece evocar uma identificação entre ordem natural e ordem social que conduz a representação do fim do mundo com o ápice da luta entre Deus e o Diabo em que as duas ordens são simultaneamente abaladas.

*"No ano 83
fica tudo diferente
as águas correm pra cima
a chuva que cai é quente
resplandecerá a luz
é a vinda de Jesus
pra salvar todo inocente" (C.7)*

*"Faço uma pausa, ó Maria
pelo sinal da Santa Cruz
a classe pobre será
no governo, valei-me Deus
se ouvirá muito canhão
para esta substituição
no final teremos luz" (C.6)*

A guerra, a violência, o castigo são os fios que tecem a imagem da "transformação" radical.

Não há transição progressiva mas uma metamorfose imediata e total. Aliás, o elemento "metamorfose" é também utilizado vigorosamente nas narrativas dos "castigos", como vimos no caso do "homem que virou urubu", da arma que "vira pra traz" para atingir o culpado...

A magicidade da linguagem não esconde totalmente a percepção de móveis concretos de disputa e das relações de exploração de uns homens sobre os outros. Na "nova ordem" não existirão "proprietários" de terra, nem homens que "comem com o trabalho dos outros":

*"Falou outra vez em parte
a Luzia lavadeira
que os velhos e doentes
deixariam a cadeira
com uma lei que virá
só come quem trabalhar
ninguém desce a ladeira" (C.6)*

*"Padre Cícero respondeu
meu amiguinho preste atenção
não compre nenhum terreno
fique mesmo no sertão
vão haver muitas lutas
serão terras devolutas
e donos não vão ter não" (C.6)*

Como vemos as imagens sobre a "ordem divina" sugerem sempre a inversão da relação dominação-subordinação. O "fim do mundo" é a configuração desta "passagem" sempre vinculada a concepções de luta, violência, destruição e impregnada de um anseio nítido de justiça e igualitarismo. Não há, portanto, irracionalidade na adesão à crença do "fim do mundo", que seria, em última análise, o fim tão-somente do mundo das diferenças entre os homens.

A complementaridade já ressaltada entre as categorias "castigo" e "milagre" é análoga à que existe entre "fim do mundo" e "salvação".

A estrofe abaixo transcrita exemplifica os vínculos entre "salvação" e "fatura", reduzindo a misticidade ao nível da aparência.

*"No ano 88
por ordem do Pai Eterno
descerão São Gabriel
e São Miguel com um caderno
e os maus serão trancados
na profundidade do inferno" (C.7)*

A inversão que caracteriza o processo de elaboração mítica da nova ordem atinge também as coisas da natureza. Isto parece evocar uma identificação entre ordem natural e ordem social que conduz a representação do fim do mundo com o ápice da luta entre Deus e o Diabo em que as duas ordens são simultaneamente abaladas.

*"No ano 83
fica tudo diferente
as águas correm pra cima
a chuva que cai é quente
resplandecerá a luz
é a vinda de Jesus
pra salvar todo inocente" (C.7)*

*"Faço uma pausa, ó Maria
pelo sinal da Santa Cruz
a classe pobre será
no governo, valei-me Deus
se ouvirá muito canhão
para esta substituição
no final teremos luz" (C.6)*

A guerra, a violência, o castigo são os fios que tecem a imagem da "transformação" radical.

Não há transição progressiva mas uma metamorfose imediata e total. Aliás, o elemento "metamorfose" é também utilizado vigorosamente nas narrativas dos "castigos", como vimos no caso do "homem que virou urubu", da arma que "vira pra traz" para atingir o culpado...

A magicidade da linguagem não esconde totalmente a percepção de móveis concretos de disputa e das relações de exploração de uns homens sobre os outros. Na "nova ordem" não existirão "proprietários" de terra, nem homens que "comem com o trabalho dos outros":

*"Falou outra vez em parte
a Luzia lavadeira
que os velhos e doentes
deixariam a cadeia
com uma lei que virá
só come quem trabalhar
ninguém desce a ladeira" (C.6)*

*"Padre Cícero respondeu
meu amiguinho preste atenção
não compre nenhum terreno
fique mesmo no sertão
vão haver muitas lutas
serão terras devolutas
e donos não vão ter não" (C.6)*

Como vemos as imagens sobre a "ordem divina" sugerem sempre a inversão da relação dominação-subordinação. O "fim do mundo" é a configuração desta "passagem" sempre vinculada a concepções de luta, violência, destruição e impregnada de um anseio nítido de justiça e igualitarismo. Não há, portanto, irracionalidade na adesão à crença do "fim do mundo", que seria, em última análise, o fim tão-somente do mundo das diferenças entre os homens.

A complementaridade já ressaltada entre as categorias "castigo" e "milagre" é análoga à que existe entre "fim do mundo" e "salvação".

A estrofe abaixo transcrita exemplifica os vínculos entre "salvação" e "fatura", reduzindo a misticidade ao nível da aparência.

*"Aquela serra do Horto
quem for vivo ainda vai ver
pedras viradas em pão
pra todo mundo comer
e lá do cimo da serra
uma fonte aparecer" (C.6)*

COMO É APREENDIDA A PERSEGUIÇÃO AO "PROTETOR"

Apesar de o tema *perseguição* aparecer na maioria dos folhetos a que tivemos acesso, preferimos nos centrar principalmente naquele que julgamos retratar mais cristalinamente a percepção de antagonismos entre pobres e ricos: *A Proibição do Bispo do Crato Contra Frei Damião e o Por que*.

A proibição é narrada como o uso da força para expropriar os pobres do que percebem como seus únicos direitos, rezar para o "além" e ter os seus "protetores".

A "perseguição" é um momento em que a pobreza e a riqueza são tomadas como linhas que demarcam os direitos e os poderes dos homens.

*"Virgem! que agora eu conto
uma história enrascada
de uma proibição bruta
que ao pobre não explica nada
da força contra o direito
que quer a luz apagada" (D.4)*

*"Eu não sou contra o bispo,
eu não sou contra ninguém
mas, zelo pelo direito
que cada um pobre tem
e o direito do pobre
é rezar para o além" (D.4)*

As linhas de identificação de *pares aliados* e *pares inimigos*, já por nós apontadas em outras partes deste trabalho, encontram na narrativa da "perseguição" a sua forma mais pura, praticamente despida de simbologia mística.

O frade é "perseguido" pelo bispo que é "rico e autoridade" exatamente porque é pobre e quer "proteger" a "iluminal" a pobreza do sertão. Há, assim, a ênfase ao poder, à riqueza e à autoridade como condicionantes dos atos de perseguição e proibição.

A revolta é mostrada como a reação correspondente por parte dos "perseguidos".

*"Eu acho que está havendo
uma desassociação
entre o pensamento do bispo
e do frade Frei Damião
o bispo é rico e autoridade
e o frade é pobre da multidão" (D.4)*

*"Um diz na rua oxente!
que medida mais sem graça
outro grita quase em choto
querendo fazer arruaça
não engulo tal desaforo
isso é uma desgraça!" (D.4)*

É interessante observar a alusão insistente às "leis" como "justiça só para os ricos", concepção sintetizada na estrofe extraída do libreto intitulado "Discussão de Um Padre com Um Matuto Falando em Frei Damião".

*"Disse o matuto e o eu creio
que se o senhor possuir cobre
pra me botar na cadeia
onde a tristeza me cobre
por aqui não fico não
questão de pobre com rico
sempre quem perde é o pobre" (D.6)*

*"Aquela serra do Horto
quem for vivo ainda vai ver
pedras viradas em pão
pra todo mundo comer
e lá do cimo da serra
uma fonte aparecer"* (C.6)

COMO É APREENDIDA A PERSEGUIÇÃO AO "PROTETOR"

Apesar de o tema *perseguição* aparecer na maioria dos folhetos a que tivemos acesso, preferimos nos centrar principalmente naquele que julgamos retratar mais cristalinamente a percepção de antagonismos entre pobres e ricos: *A Proibição do Bispo do Crato Contra Frei Damião e o Por que*.

A proibição é narrada como o uso da força para expropriar os pobres do que percebem como seus únicos direitos, rezar para o "além" e ter os seus "protetores".

A "perseguição" é um momento em que a pobreza e a riqueza são tomadas como linhas que demarcam os direitos e os poderes dos homens.

*"Virgem! que agora eu conto
uma história enrascada
de uma proibição bruta
que ao pobre não explica nada
da força contra o direito
que quer a luz apagada"* (D.4)

*"Eu não sou contra o bispo,
eu não sou contra ninguém
mas, zelo pelo direito
que cada um pobre tem
e o direito do pobre
é rezar para o além"* (D.4)

As linhas de identificação de *pares aliados* e *pares inimigos*, já por nós apontadas em outras partes deste trabalho, encontram na narrativa da "perseguição" a sua forma mais pura, praticamente despida de simbologia mística.

O frade é "perseguido" pelo bispo que é "rico e autoridade" exatamente porque é pobre e quer "proteger" a "iluminal" a pobreza do sertão. Há, assim, a ênfase ao poder, à riqueza e à autoridade como condicionantes dos atos de perseguição e proibição.

A revolta é mostrada como a reação correspondente por parte dos "perseguidos".

*"Eu acho que está havendo
uma desassociação
entre o pensamento do bispo
e do frade Frei Damião
o bispo é rico e autoridade
e o frade é pobre da multidão"* (D.4)

*"Um diz na rua oxente!
que medida mais sem graça
outro grita quase em choto
querendo fazer arruaça
não engulo tal desaforo
isso é uma desgraça!"* (D.4)

É interessante observar a alusão insistente às "leis" como "justiça só para os ricos", concepção sintetizada na estrofe extraída do libreto intitulado "Discussão de Um Padre com Um Matuto Falando em Frei Damião".

*"Disse o matuto e o eu creio
que se o senhor possuir cobre
pra me botar na cadeia
onde a tristeza me cobre
por aqui não fico não
questão de pobre com rico
sempre quem perde é o pobre"* (D.6)

A explicação do por que da "portaria da proibição" é de forma sintomática dada pelo "advogado" do bispo...

*"E me disseram também
que o povo é ignorante
está fazendo fanatismo
do mais forte e galopante
por isto que o Sr. Bispo
fez este ato escaldante"* (D.4)

O protesto em relação à "explicação da proibição", reafirma a percepção da discriminação pobres e ricos na manipulação dos atributos fanatismo e ignorância para classificar apenas o comportamento do povo face ao seu "protetor".

*"Roberto Carlos tem suas fãs
que por ele se desmaiam
pelos Beatles na Inglaterra
as mocinhas se escangaiam
e os fanáticos do futebol
aplaudem e depois vão"* (D.4)

*"Isso é fã e fanatismo
se não é, me diga agora
por que só rico tem direito
de ser fanático, aí à fora?
por que o pobre não pode ser
fã de quem somente ora?"* (D.4)

A última estrofe é transcrita como ilustração de um processo difuso de representação das relações sociais entre os homens numa linguagem em que se confundem o Diabo com o poder e com as leis dos poderosos da terra; Deus com os seus "enviados" para "salvar" os "pobres" e principalmente em que a revolta e violência transpiram em cada poro do discurso.

*"Esta portaria só serviu
para aumentar mais o calor
que o povo tem pelo frade
e seja lá como for
ninguém proibe a liberdade
a pura idéia e o amor"* (D.4)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentamos captar na análise do discurso popular, tal como ele se manifesta numa amostra da literatura de cordel sobre Padre Cícero e Frei Damião, a "lógica interna" de uma ideologia que a maior parte dos que se ocupam do estudo de movimentos sociais classifica como "alienada".

O termo "alienação", no que se refere à caracterização de movimentos de minorias sociais, parece estar associado aos seguintes aspectos:

- a) A ideologia engendrada mascara as contradições reais de ordem social;
- b) Não há um processo de luta ou oposição direta entre grupos, cujo antagonismo deriva da posição que ocupam no processo histórico de produção material das condições de existência;
- c) Tanto o sistema ideológico como os esquemas de comportamento acionados são muito mais confirmadores que negadores da ordem social, ou seja, ineficazes no sentido de alterar a situação de dominação.

A partir destes parâmetros é que todos os movimentos do tipo milenarista ou messiânico são rotulados por Hobsbawn como pré-políticos, ou seja, a expressão de um tipo de "consciência primitiva" ao qual opõe a "consciência evoluída" dos movimentos políticos, revolucionários ou reformistas (sindicalismo, socialismo, comunismo etc.).

A explicação do por que da "portaria da proibição" é de forma sintomática dada pelo "advogado" do bispo...

*"E me disseram também
que o povo é ignorante
está fazendo fanatismo
do mais forte e galopante
por isto que o Sr. Bispo
fez este ato escaldante"* (D.4)

O protesto em relação à "explicação da proibição", reafirma a percepção da discriminação pobres e ricos na manipulação dos atributos fanatismo e ignorância para classificar apenas o comportamento do povo face ao seu "protetor".

*"Roberto Carlos tem suas fãs
que por ele se desmaiam
pelos Beatles na Inglaterra
as mocinhas se escangaiam
e os fanáticos do futebol
aplaudem e depois vão"* (D.4)

*"Isso é fã e fanatismo
se não é, me diga agora
por que só rico tem direito
de ser fanático, aí à fora?
por que o pobre não pode ser
fã de quem somente ora?"* (D.4)

A última estrofe é transcrita como ilustração de um processo difuso de representação das relações sociais entre os homens numa linguagem em que se confundem o Diabo com o poder e com as leis dos poderosos da terra; Deus com os seus "enviados" para "salvar" os "pobres" e principalmente em que a revolta e violência transpiram em cada poro do discurso.

*"Esta portaria só serviu
para aumentar mais o calor
que o povo tem pelo frade
e seja lá como for
ninguém proibe a liberdade
a pura idéia e o amor"* (D.4)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentamos captar na análise do discurso popular, tal como ele se manifesta numa amostra da literatura de cordel sobre Padre Cícero e Frei Damião, a "lógica interna" de uma ideologia que a maior parte dos que se ocupam do estudo de movimentos sociais classifica como "alienada".

O termo "alienação", no que se refere à caracterização de movimentos de minorias sociais, parece estar associado aos seguintes aspectos:

- a) A ideologia engendrada mascara as contradições reais de ordem social;
- b) Não há um processo de luta ou oposição direta entre grupos, cujo antagonismo deriva da posição que ocupam no processo histórico de produção material das condições de existência;
- c) Tanto o sistema ideológico como os esquemas de comportamento acionados são muito mais confirmadores que negadores da ordem social, ou seja, ineficazes no sentido de alterar a situação de dominação.

A partir destes parâmetros é que todos os movimentos do tipo milenarista ou messiânico são rotulados por Hobsbawn como pré-políticos, ou seja, a expressão de um tipo de "consciência primitiva" ao qual opõe a "consciência evoluída" dos movimentos políticos, revolucionários ou reformistas (sindicalismo, socialismo, comunismo etc.).

Hobsbawn e Silas Cerqueira, entre outros autores, admitem o surgimento da "consciência política" como um fenômeno nitidamente urbano, ou seja, que supõe um estado determinado de evolução das forças produtivas. Como decorrência deste pressuposto a "modernização" dos movimentos rurais e adoção de formas de protesto mais eficazes somente se realizariam através da "assimilação" dos modelos ideológicos urbano-industriais. Hobsbawn(6), seguindo uma linha nitidamente evolucionista, tenta, inclusive, identificar quais características dentre os movimentos que rotula como pré-políticos (entre os quais o milenarismo, o banditismo social, o agrarismo tradicional etc.) os tornam mais ou menos propícios a um processo de "adaptação" aos esquemas de uma "ação política". Outros autores preferem discutir quais "ajustamentos" devem sofrer a mensagem e linguagem da ideologia socialista para serem apreendidas e conseguir adeptos no meio rural.

Existem ainda correntes que põem em dúvida as possibilidades de conciliação entre as bandeiras dos interesses de proletários industriais e as dos homens do campo, excluindo-se as situações em que os últimos se tenham proletarizado, ou seja, vivam relações nitidamente de assalariamento.

Certamente que concordamos com a existência de relações necessárias entre "formas de consciência" e condições históricas de dominação. Nossas restrições se endereçam a um certo etnocentrismo que percebemos na classificação pré-político e político, "primitivos" e "modernos", reduzindo os primeiros aos parâmetros do segundo e acentuando-lhes o caráter de utopismo ou de "alienação".

Sem dúvida que a análise feita da ideologia dos movimentos em torno de Padre Cícero e Frei Damião, a partir dos seus seguidores, mostra tonalidades indiscutivelmente messiânicas e milenaristas, quer na forma como os líderes são identificados como "salvadores" que profetizam o advento de uma nova ordem, quer na forma específica de manipulação

(6) Hobsbawn, E. J., *Rebeldes Primitivos*, Zahar, 1970, Rio de Janeiro.

da situação natural (em que se incluem as relações econômicas e sociais) através de recursos sobrenaturais.

Recusamo-nos, porém, a considerar estas versões ideológicas como afirma Kad(7) "tentativas irracionais de entrar em acordo com forças naturais hostis ou como provas de um desejo de preservar ou de retornar a formas culturais ameaçadas por forças impessoais ou econômicas".

Isto porque, como já assinalamos anteriormente, não podemos rotular de "irracional" o fato de que pessoas destituídas de qualquer espécie de poder real, utilizem a linguagem mais ampla de que dispõem, a religiosa, para expressar a percepção de um mundo dividido (pobres e ricos, santos e diabos) e que sigam alguém a quem atribuem o poder milagroso de "castigar" e "salvar". Já vimos que sob a misticidade há uma linguagem violenta de protesto, que segundo Rui Facó é reveladora de uma ideologia que não pode ser reduzida à mera reprodução de padrões ideológicos das camadas dominantes.

O fato de inexistir uma proposta de intervenção concreta na situação vivida e de que a negação do real em verdade alimenta a própria dominação, não basta para caracterizar para nós a irracionalidade. Se vinculamos a ideologia messiânica ou milenarista às condições concretas de existência dos pobres do campo no Nordeste ela ganha logicidade. Não podemos pensar a racionalidade e alienação usando pontos de referência abstratos ou extraídos de um universo de possibilidades ou alternativas inexistentes em um momento determinado.

Preferimos recorrer à linha de argumentação desenvolvida por Eric Wolf(8) para demonstrar "a posição desvantajosa do campesinato para passar do reconhecimento passivo de injustiças sociais para a participação política capaz de superá-las".

Segundo este autor "os camponeses não podem rebelar-se com êxito em uma situação de completa impotência porque

(7) Kad Emanuel, "Religião, Igreja e Mutação Social no Brasil", em *América Latina Estruturas em Crise*, págs. 203-232.

(8) Wolf, Eric R., "Revoluções Sociais no Campo", em *Vida Rural e Mudança Social*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1973, págs. 100-116.

Hobsbawn e Silas Cerqueira, entre outros autores, admitem o surgimento da "consciência política" como um fenômeno nitidamente urbano, ou seja, que supõe um estado determinado de evolução das forças produtivas. Como decorrência deste pressuposto a "modernização" dos movimentos rurais e adoção de formas de protesto mais eficazes somente se realizariam através da "assimilação" dos modelos ideológicos urbano-industriais. Hobsbawn(6), seguindo uma linha nitidamente evolucionista, tenta, inclusive, identificar quais características dentre os movimentos que rotula como pré-políticos (entre os quais o milenarismo, o banditismo social, o agrarismo tradicional etc.) os tornam mais ou menos propícios a um processo de "adaptação" aos esquemas de uma "ação política". Outros autores preferem discutir quais "ajustamentos" devem sofrer a mensagem e linguagem da ideologia socialista para serem apreendidas e conseguir adeptos no meio rural.

Existem ainda correntes que põem em dúvida as possibilidades de conciliação entre as bandeiras dos interesses de proletários industriais e as dos homens do campo, excluindo-se as situações em que os últimos se tenham proletarizado, ou seja, vivam relações nitidamente de assalariamento.

Certamente que concordamos com a existência de relações necessárias entre "formas de consciência" e condições históricas de dominação. Nossas restrições se endereçam a um certo etnocentrismo que percebemos na classificação pré-político e político, "primitivos" e "modernos", reduzindo os primeiros aos parâmetros do segundo e acentuando-lhes o caráter de utopismo ou de "alienação".

Sem dúvida que a análise feita da ideologia dos movimentos em torno de Padre Cícero e Frei Damião, a partir dos seus seguidores, mostra tonalidades indiscutivelmente messiânicas e milenaristas, quer na forma como os líderes são identificados como "salvadores" que profetizam o advento de uma nova ordem, quer na forma específica de manipulação

(6) Hobsbawn, E. J., *Rebeldes Primitivos*, Zahar, 1970, Rio de Janeiro.

da situação natural (em que se incluem as relações econômicas e sociais) através de recursos sobrenaturais.

Recusamo-nos, porém, a considerar estas versões ideológicas como afirma Kad(7) "tentativas irracionais de entrar em acordo com forças naturais hostis ou como provas de um desejo de preservar ou de retornar a formas culturais ameaçadas por forças impessoais ou econômicas".

Isto porque, como já assinalamos anteriormente, não podemos rotular de "irracional" o fato de que pessoas destituídas de qualquer espécie de poder real, utilizem a linguagem mais ampla de que dispõem, a religiosa, para expressar a percepção de um mundo dividido (pobres e ricos, santos e diabos) e que sigam alguém a quem atribuem o poder milagroso de "castigar" e "salvar". Já vimos que sob a misticidade há uma linguagem violenta de protesto, que segundo Rui Facó é reveladora de uma ideologia que não pode ser reduzida à mera reprodução de padrões ideológicos das camadas dominantes.

O fato de inexistir uma proposta de intervenção concreta na situação vivida e de que a negação do real em verdade alimenta a própria dominação, não basta para caracterizar para nós a irracionalidade. Se vinculamos a ideologia messiânica ou milenarista às condições concretas de existência dos pobres do campo no Nordeste ela ganha logicidade. Não podemos pensar a racionalidade e alienação usando pontos de referência abstratos ou extraídos de um universo de possibilidades ou alternativas inexistentes em um momento determinado.

Preferimos recorrer à linha de argumentação desenvolvida por Eric Wolf(8) para demonstrar "a posição desvantajosa do campesinato para passar do reconhecimento passivo de injustiças sociais para a participação política capaz de superá-las".

Segundo este autor "os camponeses não podem rebelar-se com êxito em uma situação de completa impotência porque

(7) Kad(7) Emanuel, "Religião, Igreja e Mutação Social no Brasil", em *América Latina Estruturas em Crise*, págs. 203-232.

(8) Wolf, Eric R., "Revoluções Sociais no Campo", em *Vida Rural e Mudança Social*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1973, págs. 100-116.

os impotentes são vítimas fáceis". Conclui, assim, que somente um campesinato dotado de um certo controle tático sobre seus próprios recursos poderia empreender alguma espécie de luta política. Para o autor apenas dois estratos do campesinato teriam o "controle tático" necessário a uma luta revolucionária: o campesinato médio, que possui terras próprias e os camponeses localizados em áreas periféricas e, portanto, menos afetados pelo controle dos proprietários ou do Estado.

A racionalidade da atitude do oprimido é desta perspectiva relacionada ao poder definido como "o controle físico real que um grupo possa ter sobre o outro".

Acrescente-se a isto o fato de que a própria relação de dependência, tal como ocorre no sistema latifundiário ainda vigente no Nordeste, não se restringindo a meros "vínculos econômicos" atinge todas as dimensões de pensamento e ação dos que lhes estejam submetidos. Rui Facó demonstra que no Brasil "toda tentativa de argumentação das populações rurais foi sempre brutalmente combatida a ferro e fogo pelos dominadores, fosse na Colônia, no Império ou na República".(9) O poder de reprimir conjugado ao fator que Wolf denomina "ausência de recursos táticos" (em que a própria informação se inclui) marca a "lógica" subjacente a um modelo ideológico apenas aparentemente irracional.

Salientamos que parece não existir um alheamento total das razões que explicam a canalização da revolta e reivindicações para o discurso "religioso"... "zelo pelo direito

que cada um pobre tem
que o direito do pobre
é o rezar para o além".

Indagamo-nos ainda como interpretar as coincidências tão acentuadas na estrutura do discurso sobre Padre Cícero e Frei Damião.

(9) Facó, Rui, *Cangaceiros e Fanáticos*, 4.ª edição, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1976.

Elas parecem desmentir os prognósticos de Rui Facó de que a onda de lutas que varreu os sertões do Nordeste nos fins do século XIX e inícios do século XX, marcavam uma etapa de transição para um nível de consciência e organização mais evoluída de enfrentamento direto do sistema de dominação. Parece-nos muito mais provável a ocorrência de avanços e retrocessos nesta direção, conforme as circunstâncias políticas favoreçam ou não expressão de reivindicações contestatórias às bases de poder social em vigor. Ao processo de lutas empreendido na década de 60 através dos sindicatos rurais e "ligas camponesas", quando o "caldeirão parecia prestes a explodir" segue-se o retorno a atitudes de aparente conformismo ou a evocação de milagres e castigos...

Soam, pois, como plausíveis as palavras de Eric Wolf:

"É pouco provável que os camponeses sem terra ou trabalhadores rurais venham a rebelar-se, a menos que possam apoiar-se em algum poder externo "capaz de desafiar o poder que os oprime".

ANEXO

FOLHETOS CONSULTADOS: SOBRE PADRE CÍCERO

- C.1 — João de Cristo Rei — "Profecia: Vida e Morte de Padrinho Cícero Romão"
- C.2 — José Bernardo da Silva — "O Nascimento do Padre Cícero"
- C.3 — José Bernardo da Silva — "Um Sonho do Pe. Cícero Romão"
- C.4 — Antônio Domingos Santos — "Nascimento, Vida e Morte de Padre Cícero Romão"
- C.5 — Manoel Caboclo e Silva — "O Sermão do Padre Cícero"
- C.6 — Abraão Batista — "As Profecias do Padre Cícero"
- C.7 — Enoque José de Maria — "A Voz do Padre Cícero"
- C.8 — Manoel Caboclo e Silva — "Inauguração, Sermão e Centenário da Matriz de Juazeiro"
- C.9 — Poeta Anônimo — "Padre Cícero o Santo do Juazeiro"

SOBRE FREI DAMIÃO

- D.1 — João Fernandes de Oliveira — "O Sonho de Frei Damião Profetizando o Futuro"
- D.2 — Rodolfo Coelho Cavalcante — "Frei Damião — O Missionário do Nordeste"
- D.3 — Amaro Cordeiro — "A História de um Crente que foi castigado por Frei Damião"

os impotentes são vítimas fáceis". Conclui, assim, que somente um campesinato dotado de um certo controle tático sobre seus próprios recursos poderia empreender alguma espécie de luta política. Para o autor apenas dois estratos do campesinato teriam o "controle tático" necessário a uma luta revolucionária: o campesinato médio, que possui terras próprias e os camponeses localizados em áreas periféricas e, portanto, menos afetados pelo controle dos proprietários ou do Estado.

A racionalidade da atitude do oprimido é desta perspectiva relacionada ao poder definido como "o controle físico real que um grupo possa ter sobre o outro".

Acrescente-se a isto o fato de que a própria relação de dependência, tal como ocorre no sistema latifundiário ainda vigente no Nordeste, não se restringindo a meros "vínculos econômicos" atinge todas as dimensões de pensamento e ação dos que lhes estejam submetidos. Rui Facó demonstra que no Brasil "toda tentativa de argumentação das populações rurais foi sempre brutalmente combatida a ferro e fogo pelos dominadores, fosse na Colônia, no Império ou na República".(9) O poder de reprimir conjugado ao fator que Wolf denomina "ausência de recursos táticos" (em que a própria informação se inclui) marca a "lógica" subjacente a um modelo ideológico apenas aparentemente irracional.

Salientamos que parece não existir um alheamento total das razões que explicam a canalização da revolta e reivindicações para o discurso "religioso"... "zelo pelo direito

que cada um pobre tem
que o direito do pobre
é o rezar para o além".

Indagamo-nos ainda como interpretar as coincidências tão acentuadas na estrutura do discurso sobre Padre Cícero e Frei Damião.

(9) Facó, Rui, *Cangaceiros e Fanáticos*, 4.^a edição, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1976.

Elas parecem desmentir os prognósticos de Rui Facó de que a onda de lutas que varreu os sertões do Nordeste nos fins do século XIX e inícios do século XX, marcavam uma etapa de transição para um nível de consciência e organização mais evoluída de enfrentamento direto do sistema de dominação. Parece-nos muito mais provável a ocorrência de avanços e retrocessos nesta direção, conforme as circunstâncias políticas favoreçam ou não expressão de reivindicações contestatórias às bases de poder social em vigor. Ao processo de lutas empreendido na década de 60 através dos sindicatos rurais e "ligas camponesas", quando o "caldeirão parecia prestes a explodir" segue-se o retorno a atitudes de aparente conformismo ou a evocação de milagres e castigos...

Soam, pois, como plausíveis as palavras de Eric Wolf:

"É pouco provável que os camponeses sem terra ou trabalhadores rurais venham a rebelar-se, a menos que possam apoiar-se em algum poder externo "capaz de desafiar o poder que os oprime".

ANEXO

FOLHETOS CONSULTADOS: SOBRE PADRE CÍCERO

- C.1 — João de Cristo Rei — "Profecia: Vida e Morte de Padrinho Cícero Romão"
- C.2 — José Bernardo da Silva — "O Nascimento do Padre Cícero"
- C.3 — José Bernardo da Silva — "Um Sonho do Pe. Cícero Romão"
- C.4 — Antônio Domingos Santos — "Nascimento, Vida e Morte de Padre Cícero Romão"
- C.5 — Manoel Caboclo e Silva — "O Sermão do Padre Cícero"
- C.6 — Abraão Batista — "As Profecias do Padre Cícero"
- C.7 — Enoque José de Maria — "A Voz do Padre Cícero"
- C.8 — Manoel Caboclo e Silva — "Inauguração, Sermão e Centenário da Matriz de Juazeiro"
- C.9 — Poeta Anônimo — "Padre Cícero o Santo do Juazeiro"

SOBRE FREI DAMIÃO

- D.1 — João Fernandes de Oliveira — "O Sonho de Frei Damião Profetizando o Futuro"
- D.2 — Rodolfo Coelho Cavalcante — "Frei Damião — O Missionário do Nordeste"
- D.3 — Amaro Cordeiro — "A História de um Crente que foi castigado por Frei Damião"

- D.4 — Abraão Batista — “A Proibição do Bispo do Crato contra Frei Damião e o Por quê”
 D.5 — Autor desconhecido — “O Homem que virou Urubu porque quis matar Frei Damião”
 D.6 — Pedro Bandeira — “Discussão de Um Padre com Um Matuto Falando em Frei Damião”
 D.7 — Pedro Bandeira — “2 Poemas: A Voz de Frei Damião e a Cura do Aleijado”
 D.8 — Pedro Bandeira — “A Água Milagrosa da Estátua de Frei Damião”
 D.9 — João Alexandre — “Frei Damião Proibido”.

BIBLIOGRAFIA

- KARI, Marx e ENGELS Friedrich — 1974 — *A Ideologia Alemã*, Editorial Estampa, Lisboa (Livreria Martins Fontes, São Paulo), Volume I.
 ENGELS, Friedrich — 1971 — *La Guerra de Campesinos*
 GRAMSCI, Antônio — 1974 — *Obras Escolhidas*, Editorial Estampa, Lisboa, Volume I.
 VINHAS DE QUEIRÓS, Maurício — 1977 — *Messianismo e Conflito Social*, Ensaios 23, Editora Ática, São Paulo.
 HOBSBAWN, E. J. — 1970 — *Rebeldes Primitivos*, Zahar Editora, Rio de Janeiro. — 1970 — “Os Camponeses e os Migrantes Rurais na Política”, em *América Latina em Crise*, págs. 57-76, Editora IBASA, São Paulo.
 GALJART, B. — “Class and following in rural Brazil”, in *América Latina*, vol. 7, n.º 3. — A “A further note on “followings” in *América Latina*, vol. 8, n.º 3.
 HUIZER — “Some notes on community development and rural social research” in *América Latina*, vol. 8, n.º 3.
 CIDA — *Posse e Uso da Terra no Brasil*, cap. sobre ligas camponesas.
 QUIJANO, Aníbal — “Movimentos Campesinos em América Latina”, in *Lipset e Solari, Elites y desarrollo em América Latina*.
 CERQUEIRA, Silas — “Mouvements nationaux et Révolutions en Amérique Latine” in *Revue Française de Sciences Politiques*.
 FACÓ, Rui — *Cangaceiros e Fanáticos*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1976.
 DELLA CAVA, Ralph — *Milagre em Joazeiro*, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976.
 KADT, Emanuel — “Religião, Igreja e Mutação Social no Brasil”, em *América Latina Estruturas em Crise*, IBASA, São Paulo, 1967.
 BRANDÃO, Lopes — *Desenvolvimento e Mudança Social*, cap. VIII, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1976.
 GROSS, Daniel — “Ritual and Conformity: A Religious Pilgrimage to Northeastern Brazil” in *Ethnology*, Volume X, n.º 2, April, 1971.

O DISCURSO PUNIDO (Uma leitura em torno da Literatura de Cordel)

Antônio Fausto Neto

Recentemente, o *Jornal do Brasil* publicava o seguinte anúncio: “Procura-se especialista em Literatura de Cordel para orientar grupo de pesquisadores. Contrato CLT, 08 horas de trabalho diário, salário a combinar. Cartas com currículo detalhado para portaria deste jornal sob o nº 56535. Garante-se sigilo”.

Mais do que um simples anúncio, esta *oferta de emprego* indica que o *falar acerca* das culturas do povo já extrapola os foros do “mundo acadêmico”. Já não bastam teses, comunicações científicas, simpósios e outras iniciativas acadêmicas, que se reportam sobre as “culturas do trabalho” ou as representações das formas culturais das classes subalternas. Paradoxalmente, o discursar sobre as práticas culturais subalternas passa também a se constituir em fonte de sobrevivência para categorias sociais como os intelectuais, por exemplo.

Este fenômeno nos enseja entrar na questão substantiva da presente reflexão, na medida em que pretende destacar como seu eixo principal o *discursar sobre as culturas do povo* e o *discurso propriamente dito das culturas do povo*. Antes de entrar no problema proposto como o lugar da reflexão, penso ser interessante conceituar o que entendo como *cultura do povo*, na medida em que o uso indefinido do conceito pode nos ensejar algumas interpretações equivocadas.